

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

EDIMILTON DE CARVALHO PONTES

**VOCAÇÃO E CRISE PROFÉTICA**  
UMA LEITURA PASTORAL A PARTIR DE JEREMIAS 20.7-12

São Leopoldo

2011

EDIMILTON DE CARVALHO PONTES

**VOCAÇÃO E CRISE PROFÉTICA**

UMA LEITURA PASTORAL A PARTIR DE JEREMIAS 20. 7-12

Trabalho Final de Mestrado Profissional para obtenção do Grau de Mestre em Teologia Escola Superior de Teologia

Programa de Pós-Graduação.

Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia

Orientador: Dr. Nelson Kilpp

Segundo Avaliador: Dr. Carlos Dreher

São Leopoldo

2011

## FICHA CATALOGRÁFICA

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P814v Pontes, Edimilton de Carvalho

Vocação e crise profética: uma leitura pastoral a partir de Jr 20 7-12/ Edimilton de Carvalho Pontes ; Orientador Nelson Kilpp. – São Leopoldo : EST/PPG, 2011 : 63 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2011.

1. Bíblia. A.T. Jeremias 20 – Crítica, interpretação, etc.  
2. Vocação sacerdotal. 3. Vocação – Ensino bíblico. I. Kilpp, Nelson. II. Título.

**Ficha Elaborada pela Biblioteca da EST**

EDIMILTON DE CARVALHO PONTES

**VOCAÇÃO E CRISE PROFÉTICA**

UMA LEITURA PASTORAL A PARTIR DE JEREMIAS 20. 7-12

Trabalho Final de Mestrado Profissional para obtenção do Grau de Mestre em Teologia Escola Superior de Teologia

Programa de Pós-Graduação.

Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia

Nelson Kilpp – Doutor em Teologia – Escola Superior de Teologia

---

Carlos Dreher – Doutor em Teologia – Escola Superior de Teologia

---

São Leopoldo

2011

*Dedico este trabalho a todos os vocacionados, chamados para anunciar a Palavra de Deus, em meio à crise pessoal, caminhando por fé e não por vista.*

## AGRADECIMENTOS

*Ao meu Deus, Soberano, Poderoso, propiciador de tantas bênçãos sobre a minha vida e ministério.*

*Aos meus pais Hamilton e Edilça (in memoriam) pelo incentivo desde a minha tenra infância para o labor dos livros.*

*À minha esposa pela compreensão nos momentos de ausência por ocasião das viagens e das incontáveis horas dedicadas à confecção deste trabalho privado de sua doce presença.*

*Aos meus filhos Jeremias e Júnia pelo amor e carinho dispensados nos momentos difíceis de exaustão física e emocional.*

*À minha igreja, Batista Filadélfia do Guará II em Brasília-DF, pelo investimento nos estudos do mestrado e oportunidade de exercer o ministério pastoral.*

*Ao meu Orientador Prof. Dr. Nelson Kilpp pela paciência, compreensão e incentivo em meio às circunstâncias desafiadoras ocorridas durante o mestrado.*

## RESUMO

Este trabalho de pesquisa está relacionado à área bíblica, com ênfase na vocação e crise profética, centrado em Jeremias, especialmente no texto Jr 20.7-12. A proposta é depreender aspectos importantes da crise e vocação para prática pastoral na atualidade. O trabalho analisa os aspectos envolvidos na vocação profética para entendimento do profeta e da sua missão de anúncio da Palavra de Deus em cumprimento de seu chamado. Busca compreender a crise na vida do profeta Jeremias, como elemento formador da identidade profética e conseqüentemente pastoral, a partir das suas confissões. Realiza uma leitura destes termos fundamentais, extraindo conceitos para prática pastoral no dia-a-dia.

**Palavras-Chave:** vocação – crise - pastoral.

## **ABSTRACT**

This research is related to the biblical field, with emphasis on the prophetic vocation and the crisis centered on Jeremiah, especially in the text Jr 20.7-12. The proposal is to apprehend important aspects about the crisis and the calling of the prophet for the purpose of pastoral practice in present days. The paper examines the issues involved in prophetic calling in order to understand the prophet and his mission of proclaiming the God's Word in compliance with his calling. It also tries to understand the crisis in prophet Jeremiah's life as a formative element of prophetic – and thus also pastoral – identity, starting with his confessions. It tries to come to grips with these fundamental concepts, in order to obtain the knowledge needed for the every day pastoral ministry.

**Palavras-Chave:** vocation – crisis - pastoral.



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1 VOCAÇÃO : O CHAMADO PARA UMA VIDA VIBRANTE</b> .....	<b>14</b>
<b>1.1 O FENÔMENO PROFÉTICO E VOCAÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1.1.1 O que é um profeta, tipos de profetas e funções proféticas</b> .....	<b>14</b>
<b>1.1.2 Relatos de vocação profética</b> .....	<b>17</b>
<b>1.2 JEREMIAS E A SUA VOCAÇÃO</b> .....	<b>21</b>
<b>1.2.1 Contexto histórico-político</b> .....	<b>21</b>
<b>1.2.2 O “background” de Jeremias</b> .....	<b>22</b>
<b>1.2.3 A vocação</b> .....	<b>24</b>
<b>2 CRISE: RELUTÂNCIA E OBEDIÊNCIA</b> .....	<b>27</b>
<b>2.1 INTRODUÇÃO SOBRE PROFETISMO E CRISE</b> .....	<b>27</b>
<b>2.2 A CRISE DE JEREMIAS</b> .....	<b>28</b>
<b>2.2.1 O Texto Confessional de Jeremias 20. 7-10</b> .....	<b>30</b>
<b>2.2.2 Comparação entre as confissões</b> .....	<b>33</b>
2.2.2.1 Primeira Confissão de Jeremias 11.18-12.6.....	34
2.2.2.2 Segunda Confissão de Jeremias 15.10-21 .....	35
2.2.2.3 Terceira Confissão de Jeremias 17.12-18 .....	37
2.2.2.4 Quarta Confissão de Jeremias 18.18-23.....	38
2.2.2.5 Quinta Confissão de Jeremias 20.11-13, 14-18.....	39
<b>2.2.3 Resumo das confissões</b> .....	<b>40</b>
<b>3 CONTRIBUIÇÕES: UMA LEITURA PASTORAL DE JEREMIAS</b> .....	<b>43</b>
<b>3.1 AS DISCIPLINAS ESPIRITUAIS</b> .....	<b>45</b>
<b>3.2 A LIDERANÇA CRIATIVA</b> .....	<b>48</b>
<b>3.3 A ÉTICA BÍBLICA</b> .....	<b>50</b>
<b>3.4 A TEOLOGIA PASTORAL DE JEREMIAS</b> .....	<b>52</b>
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>61</b>



### **O Profeta Jeremias**

*Neste retrato de Jeremias, o artista capturou uma característica essencial do lugar do profeta dentro do seu mundo: luta, tanto física quanto espiritual. Os degraus de pedra são duros e frios; do mesmo modo os ouvintes saúdam sua paixão com apatia. Doré, Gustave (1832-1883)*

## INTRODUÇÃO

Na sociedade brasileira torna-se a cada dia mais comum falar sobre o crescimento dos evangélicos, a notoriedade de alguns pastores, o assédio de partidos políticos, e mais recentemente sobre a influência exercida por evangélicos. Tudo isso, tem sido comentado para realçar a importância dos evangélicos na agenda nacional. Toda essa efervescência ao redor dos evangélicos é um fato, ainda que seja temerário falar dos evangélicos como um seguimento totalmente unido, capaz de ter tamanha influência na sociedade brasileira. Mas toda esta impressão que os meios de comunicação deixam transparecer tem uma avaliação positiva para a maioria dos líderes das igrejas evangélicas, pois sinaliza o acesso ao poder, antes vetado, mas agora disponibilizado para alguns.

É neste cenário conturbado do anseio pelo poder que estão os líderes evangélicos, cada vez mais desacreditados, sem identidade bíblica e relegados aos modelos empresariais. O olhar para a realidade torna-se desalentador, pois o que se vê são escândalos de corrupção, desvio moral, vozes cooptadas pela cultura consumista, pastores adoecidos por conduzir o ministério moldado pelos próprios desejos.

A figura pastoral no contemporâneo passa por uma crise de identidade, muitos líderes das igrejas estão enfrentando os desafios deste chamado tempo “pós-moderno”, sem um referencial de liderança que emerge do texto sagrado. Esse esvaziamento de um referencial bíblico gera comportamentos anômalos e destruidores, onde a vítima principal são os próprios líderes destas comunidades e, por conseguinte, a própria comunidade. Brueggemann nos estimula a estudar o aspecto profético, afirmando: “a apatia e a tranquilidade das igrejas no momento atual apresentam ótima oportunidade para se estudar os profetas e nos livrarmos de mal-entendidos já por demais gastos.”<sup>1</sup> A expectativa desta pesquisa é fornecer, a partir da compreensão dos elementos da vocação e crise profética, um quadro

---

<sup>1</sup> BRUEGGEMANN, Walter. **A imaginação profética**. São Paulo: Paulinas. 1983. p.11

alternativo para a ação pastoral na atualidade. A análise da figura profética como paradigmática para os atores envolvidos no contexto eclesial moderno provê propostas para uma ação pastoral mais humanizadora, consciente dos seus limites e de sua vocação. De forma específica, busca-se analisar os aspectos da crise e da vocação na ação profética de Jeremias, identificando aportes teóricos e práticos para a tarefa pastoral no contemporâneo e examinando elementos psicoteológicos<sup>2</sup> envolvidos na crise do *navi*<sup>3</sup> de Deus. Esta proposta encontra ressonância nas relações que Jeremias viveu, e hoje se observa no contexto evangélico.

O entendimento da crise e vocação de Jeremias nos envia ao seu mundo, fazendo uma aproximação muito importante, desvencilhando os mitos em torno da figura profética e do próprio movimento profético, podendo mostrar novas posturas de uma ação pastoral na modernidade, livrando os pastores dos arroubos de heroísmo e das ligações perigosas com os poderes institucionais, principalmente, quando estes vão de encontro à liberdade do chamado profético. A crise e a vocação como duas palavras teológicas fundantes da ação pastoral possuem uma tensão que propicia uma ampliação da compreensão do profeta Jeremias, possibilitando a formação de um quadro teórico, onde a crise tem um papel formador no chamado e na vida do profeta.

O fenômeno profético em Israel é tema recorrente nos estudos teológicos ao redor do mundo. Grandes obras de interpretação e comentários têm sido escritos com um viés pastoral para uso nas comunidades de fé. A profecia é uma força propulsora na análise social e estrutural das instituições.<sup>4</sup> Brueggemann exorta-nos a respeito da importância de uma reflexão séria sobre a importância da profecia como elemento fundamental para o ministério na Igreja<sup>5</sup>. O nosso entendimento do Antigo Testamento deve estar ligado com as realidades da igreja hoje<sup>6</sup>. A igreja moderna precisa olhar para o passado, com acuracidade prática, bebendo desta fonte antiga,

<sup>2</sup> A psicoteologia como uma ciência experimental tenta fazer um intercâmbio da teologia com a psicologia, bem como da psicologia com a teologia.

<sup>3</sup> *Navi* – porta-voz, profeta. A derivação de *navi* é assunto controverso. O antigo Lexicon de Gesenius (editado por Tregelles), por exemplo, faz este substantivo derivar do verbo *naba*, “onde o *ayin*, foi abrandado para *aleph*, verbo este que significa “borbulhar, ferver e derramar” e, por conseguinte, “extravasar palavras, como aqueles que falam com mente fervorosa ou sob inspiração divina, como os profetas e poetas.” HARRIS, R. Laird ; ARCHER JR. Gleason L.; WALTKE, Bruce. (Org.) **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova. 1998. p.904 e 905)

<sup>4</sup> SICRE, José Luis (Org.). **Os profetas**. 2 ed. São Paulo: Paulinas. 2007

<sup>5</sup> BRUEGGEMANN, 1983, p.7

<sup>6</sup> BRUEGGEMANN, 1983, p. 9.

para dessedentar os cristãos tão necessitados de conhecer a sua tradição bíblica. “O papel do ministério profético é justamente trazer de volta as exigências da tradição para um confronto real com a situação de adaptação.”<sup>7</sup>

A presente pesquisa não pretende ser um trabalho exegético exaustivo do texto, mas usar a matriz textual em evidência como fundamento para reflexão da vida do profeta Jeremias. Os três conceitos principais que se almeja aprofundar são: vocação, crise e pastoral. Essas palavras podem nos lançar num rio caudaloso da ação profética jeremiana, fornecendo material significativo para a ação pastoral. Lembrando que a figura pastoral é tão antiga quanto à figura do profeta. Os príncipes de Israel são chamados de pastores; p.ex., Ciro, o rei persa, é chamado de pastor (Is 44.28). Isso mostra que a figura pastoral não está ligada apenas ao Novo Testamento, mas tem seu arquétipo formado na antiguidade.

Jeremias torna-se um personagem interessante para esta abordagem a partir dos elementos emocionais da sua vocação, comissionamento, lamentos, confissões e discursos proféticos. Jeremias talvez seja o profeta mais rico em termos de informações sobre as suas crises. Ainda que de uma forma ou outra os profetas tenham passado por situações de crise nos seus chamados, nenhum se apresenta e se coloca como Jeremias em oposição às Palavras de Deus a serem profetizadas ao povo. Jeremias é o profeta que se desvela diante dos seus ouvintes e diante de Deus. Ele não tem problemas em expressar-se, das palavras eivadas de ira pelo pecado ao lamento melancólico da própria inadequação diante do chamado. Jeremias é, assim, um ser em constante tensão.

Este trabalho não desconsidera a riqueza que as ferramentas exegéticas podem nos auferir; muito pelo contrário procura beber das fontes dos teólogos do Antigo Testamento dedicados à pesquisa exegética. A proposta não é trabalhar aspectos literários do texto, nem a pesquisa atualizada na formação do texto Jeremiano, mas fazer uma análise no homem Jeremias, a partir da sua ambiência e elementos formadores da vocação e da crise, e por fim depreender conceitos e propostas para a atividade pastoral, justapondo-os às práticas da modernidade.

---

<sup>7</sup> BRUEGGEMANN, 1983, p.10.

# **1 VOCAÇÃO : O CHAMADO PARA UMA VIDA VIBRANTE**

## **1.1 O Fenômeno profético e vocação**

### **1.1.1 O que é um profeta, tipos de profetas e funções proféticas**

Israel, na sua história, foi objeto da revelação e do chamado de Deus (Gn 12)<sup>8</sup>. Estas ações geraram promessas que requeriam fé dos escolhidos. As expectativas advindas deste relacionamento divino-humano eram satisfeitas, mas sempre a critério da divindade. Desde cedo, os hebreus deveriam entender que Javé não forneceria para eles todas as explicações do Seu chamado e dos Seus propósitos, mas eles deveriam caminhar por fé, para ver concretizados os projetos de Javé na sua história como povo.

O conhecimento de Deus dado a Israel desde os seus primórdios é realçado nos atos de salvação. Israel conhece Deus como seu salvador-libertador e, no decorrer dos tempos, vai se descobrindo como povo de um Deus. E esse Deus vai se dando a conhecer a Israel à medida que este avança no Seu conhecimento, permitindo-lhe intervir nos seus caminhos. A busca de independência de Israel em relação a Javé sempre foi um retrocesso. Muito da história de Israel acontece de forma sinuosa, marcando os seus altos e baixos na adoração a Javé. Uma demonstração clara disso está no livro dos Juízes. No entanto, apesar de seu andar recalitrante, Israel se vê fascinado pelo seu Deus, pois em várias situações é confrontado com a sua dubialidade na adoração e reconhece-se como pecador inconfesso (1 Rs 18.21-40).

---

<sup>8</sup> As citações bíblicas deste trabalho de pesquisa serão baseadas na versão bíblica Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida, editada pela Sociedade Bíblica do Brasil.

A ação divina não se limita somente à nação como o povo de Deus, mas visa principalmente o israelita como indivíduo formador deste povo. O israelita se vê como um instrumento de Deus a ser usado por Ele (Ex 19.6). Crabtree nos diz que "o hebreu pensava que o espírito do homem podia ser invadido facilmente por algum espírito externo ou energia de fora"<sup>9</sup>. Diferentemente dos outros povos, os israelitas pensavam na inspiração pelo divino, o espírito do profeta era tomado pelo divino (Nm 11.17; Jz 3.10, 6.34, 11.29; 1 Sm 10.6). Corroborando com esta informação, Ellens nos fala do conceito na antropologia hebraica de co-regente e cooperador com Deus.<sup>10</sup> Crabtree nos fornece uma informação interessante: "entendendo a psicologia dos profetas, pode-se compreender mais claramente a operação do Espírito do Senhor na vontade e na vida do profeta"<sup>11</sup>. Eichrodt acrescenta a respeito desta relação íntima do profeta com Deus, dizendo: "[...] há a evidente consciência, demonstrada nos relatos veterotestamentários da absoluta subordinação do profeta a Deus, se falou de uma imersão do "nabi" na esfera divina".<sup>12</sup>

A marca da profecia veterotestamentária é a ação de Deus na vida do escolhido, não tanto pelo envolvimento com grupos culturais, como em 1 Sm 10.10, mas sobretudo com a presença manifesta de Deus por meio da autoridade no falar a Palavra de Javé (Is 50. 7; Ez 3.8,9). Esta manifestação ocorre muitas vezes com eventos inusitados, como visões, sonhos e audições (Is 6.1; Am 9. 1; 1 Sm 3.4; Os 1.1). Todos os profetas têm uma forma distinta de vivenciar a vocação e quase na sua totalidade há algo de sobrenatural envolvido, algo que não se pode explicar mediante a razão. "Os profetas eram homens conscientes de que haviam recebido de Deus sua vocação de viver um novo estilo de vida [...]."<sup>13</sup>

Essa ação de Deus se torna fundamental e comprobatória diante daqueles que serão os destinatários, pois estes querem comprovar a autoridade profética de quem fala em nome do Senhor. Têm conhecimento que o profeta é autenticado na sua missão, por sua fidelidade a Deus. (Dt 13. 1-6), depois a sua palavra precisava se cumprir no meio do povo, para que a ele fosse dado crédito (Dt 18.22). A mani-

<sup>9</sup> CRABTREE, A. R. **Teologia do Velho Testamento**. Rio de Janeiro: JUERP, 1960. p. 39

<sup>10</sup> ELLENS, J. Harold. **Psicoteologia: questões básicas**. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 36

<sup>11</sup> CRABTREE, 1960, p. 39

<sup>12</sup> EICHRODT, Walther. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos. 2004. p. 283

<sup>13</sup> FOHRER, Georg. **As estruturas fundamentais do Antigo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1982, p.105.

festação de Deus na vida do profeta não era um fato isolado, mas algo que marcava o seu ministério do início ao fim. Apesar do profeta não conhecer a Deus de uma forma plena, a presença de Deus evidenciava a vocação, por meio do cumprimento de suas palavras.

“O profeta é a pessoa que “fala na frente” do outro, da parte de um terceiro, da divindade.”<sup>14</sup> “[...] um nabî é alguém autorizado a falar em nome de outrem, pois Arão, falando em lugar de Moisés a Faraó, é o nabî de Moisés”<sup>15</sup>. O profeta não tem a titularidade da mensagem, não está em si a falar, segundo a sua opinião. Ele recebe a sua mensagem de Deus, neste sentido ele é plagiador, não há nada de inédito no que ele fala. Por isso há uma percepção de temas repetitivos nas profecias. Temas como arrependimento, justiça, adoração a outros deuses são recorrentes em todos os profetas. Neste processo da transmissão da palavra, a personalidade do profeta não é ignorada, mas humanizada, no encontro com o divino. A mensagem é proferida com características pessoais e sobrenaturais. O professor Bouzon define assim a ação do profeta diante de Deus:

[...] é o representante de Deus perante os homens, é o mensageiro; ele é o embaixador de Deus, que traz a palavra divina, os alertas, as exortações, o conforto e aponta a direção de Deus para o povo.<sup>16</sup>

No seio de Israel existiam basicamente dois tipos de profetas, os profetas da corte ou ligados a algum santuário (profissionais) e os profetas independentes (vocacionados). Os profetas profissionais ocupam postos vinculados à liderança política da nação, estavam à disposição dos reis, orientando-os segundo os oráculos divinos. Os profetas vocacionados, em sua maioria, exerceram grande influência em Israel. Geralmente não estavam ligados a pressupostos políticos ou sociais nem vinculados a algum grupo que pudesse influenciar a sua profecia. De modo especial, estes homens profetizavam sem respaldo político ou social. O texto bíblico registra outros nomes como “homem de Deus” e “vidente” ou “visionário” (1 Sm 9. 6-10). Todos são entendidos como profetas (*nabi* – Is 29.10), termo que os caracteriza de forma ampla<sup>17</sup>.

<sup>14</sup> SICRE, 2007, p.5

<sup>15</sup> HARRIS; JR.; WALTKE, 1998, p.904 e 905

<sup>16</sup> YUNES, Eliana; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (Org.). **Profetas e profecias**: numa visão interdisciplinar e contemporânea. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-RJ/Loyola. 2002. p.29

<sup>17</sup> REIMER, Haroldo. **Profetismo**. Disponível em [www.haroldoreimer.pro.br](http://www.haroldoreimer.pro.br). Acesso em 07 fev. 2011



Antes destes profetas cúlticos surgirem, a partir do século IX com Elias e, principalmente, do século VIII com Isaías, Oséias, Amós, Miquéias etc., profetas individuais, não denominados Nabi e livres de todo e qualquer liame com o profetismo cúltico. Enquanto os nebiim faziam parte de uma instituição oficial – profetismo cúltico – e eram legitimados por essa instituição, os profetas individuais sentiam-se chamados por Deus a falar em seu nome. Não pertenciam à instituição do profetismo cúltico, costumavam ser chamados, na exegese hodierna, de profetas individuais, profetas clássicos ou profetas escritores.<sup>18</sup>

Os profetas de uma forma geral exerciam a função de agentes de Javé. Apontavam desvios do povo em relação à Palavra de Deus, anunciando a sua demanda, ou poderiam consolar, anunciando um futuro melhor de esperança. Pode-se dizer que o profeta incomodava os acomodados e consolava ou desalentados. Mas a caracterização mais marcante do profeta é como contestador de um estado de coisas opressor, estabelecido na estrutura da cidade, com ramificações religiosas, sociais e políticas. O povo tinha uma forte tendência a se afastar dos parâmetros divinos, mas os profetas apareciam para mostrar o caminho a seguir. Anunciava novas realidades. Fomentava a esperança no povo com palavras de autoridade. Wilson diz que os profetas realizam em si três funções: são proclamadores da Palavra divina, são mediadores interpelando a divindade em causas que o povo possui e também são adivinhadores, emitindo oráculos sobre o futuro.<sup>19</sup>

### 1.1.2 Relatos de vocação profética

Tem-se o conhecimento da vocação por meio dos relatos de vocação nos livros proféticos. Grande parte dos estudiosos credita estes relatos à autoria dos próprios profetas.<sup>20</sup> Estas inserções das vocações tinham o objetivo de dar credibilidade ao texto profético, mostrando um pouco da história do profeta e o surgimento da sua vocação/chamado.<sup>21</sup> A vocação profética é inserida, na sua maioria, no início dos livros, pois o relato do chamado divino daria suporte para todos os vaticínios a seguir. Os relatos seguem uma certa estrutura: 1- um chamado inusitado; 2 - pessoas com carências e de pouco reconhecimento; 3 - uma recusa do chamado; 4 -

<sup>18</sup> YUNES; BINGEMER, 2002, p.40

<sup>19</sup> WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade no antigo Israel**. 2. ed. rev. São Paulo: Targumin & Paulus, 2006. p. 41.

<sup>20</sup> SCHMIDT, H. Werner. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal. 1994, p.172

<sup>21</sup> SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem**. Petrópolis: Vozes. 1992. 2 ed, 1992, p. 111

uma reafirmação da escolha por parte de Deus ou capacitação; e 5 - obediência por parte do escolhido.

[...] a vocação acontece num momento de diálogo entre Deus e o profeta, de sorte que este pode protestar, argumentando que é indigno e a tarefa, pesada; mas a sua objeção é rebatida pela palavra de apoio de Deus, expressa de forma mais ou menos estereotipada, p. ex. em fórmulas como no caso de Moisés em Ex. 3s; Gideão em Jz 6.11ss.; Saul em 1 Sm 9s e Jr. 1.<sup>22</sup>

Os relatos de vocação são poucos. Somente alguns profetas revelam o contexto de sua vocação. Entre os profetas anteriores, temos a vocação de Samuel, que servia o sacerdote Eli desde pequeno e ouve a voz de Javé. Alguns de menor atuação na escrita bíblica nada mencionam a respeito de sua vocação (Natã, Gade, Aías de Silo, Elias, Micaías). Eliseu recebe o seu chamado a partir do profeta Elias. O relato da vocação de Amós é evidenciado na disputa com Amazias (Am 7. 10-17). Vejamos as principais características dos relatos de vocação em dois profetas: Isaías e Ezequiel.

Em Isaías 6.1-13, temos o relato da vocação de Isaías. O relato começa situando historicamente a vocação. Parece característico vincular o profeta ao rei e ao ambiente histórico da sua profecia. O profeta tem uma visão do Senhor no ano da morte do rei Uzias (2 Rs 15.7; 2 Cr 26.23). A morte de um rei sempre é um momento conturbado, de transição política, onde geralmente podem acontecer insurreições, assassinatos, acordos políticos, e, neste contexto, acontece a vocação de Isaías. Apesar de morrer em desventura, Uzias fez um governo muito competente do ponto de vista político. Uzias buscou a Deus e foi abençoado nos seus projetos. Isaías vê o Senhor assentado no seu trono de glória. Essa visão dá uma idéia do governo de Deus sobre Israel (v. 2 e 3). Não há inquietação ou desestabilização na visão, mas governo de Deus.

Nos versículos 5 a 7, o profeta está diante da sua condição pecaminosa, em contraste com a glória de Deus. Deus reconhece a condição miserável do profeta e o auxilia enviando um serafim com uma brasa viva para purificá-lo do seu pecado. Não se sabe especificamente o que seria o pecado da impureza nos lábios de Isaías, mas na visão há uma real necessidade de purificação para o desafio que o profe-

---

<sup>22</sup>SCHMIDT, 1994, p. 175 e 176

ta está prestes a assumir. Com o pecado perdoado e a iniquidade retirada, Isaías parece pronto para a missão para a qual será comissionado.

A pergunta enviada (v. 8) parece ser lançada ao mundo e não especialmente a Isaías. Mas este se entende como aquele que deveria responder positivamente ao chamado. Sente-se pronto, pois não está ali aleatoriamente, mas para ser enviado como profeta ao seu povo. As palavras a serem ditas serão palavras incoerentes, capazes de confundir. O objetivo da missão profética é trazer insensibilidade aos seus destinatários. O profeta não testemunhará conversões, mas destruição (v. 9 e 10). O profeta anunciará juízo sobre o povo. Somente depois de concretizada a destruição, a tarefa estará concluída (v. 11 e 12). Parece uma contradição, mas intenção de Deus não é trabalhar com aquele povo, é começar algo novo no futuro, como parte do seu plano na história (v. 13). Como afirma Sicre: “O importante não é a pessoa escolhida, sua vida ou seu destino, mas a palavra de Deus, a missão que Deus confere.”<sup>23</sup>

O relato da vocação de Ezequiel (Ez 1-3) começa situando o profeta no tempo e no espaço. O profeta está com os exilados, junto ao Rio Quebar. A vocação/chamado inicia no quinto ano do cativeiro do rei Joaquim. O profeta tem visões de Deus, recebe a palavra do Senhor e tinha sobre si a mão do Senhor. Uma forma diferente de demonstrar o caráter divino do seu comissionamento. As visões seguintes serão ainda mais arrebatadoras. A primeira visão do vento tempestuoso com uma grande nuvem brilhante (1.4); depois, compondo esta visão, surgem os quatro seres viventes (1.5-14); em seguida, uma outra visão se insere na primeira e segunda: as quatro rodas que se articulam em movimentos (1.15-25). A visão das rodas deixa surgir o firmamento com o trono e a glória do Senhor (1.26-28), diante da qual o profeta cai com o rosto em terra ao ouvir a voz daquele que estava assentado no trono.

Depois da visão, Ezequiel ouve uma ordem de Deus. Ele deve ficar de pé para receber os oráculos de Javé. Ele recebe o Espírito de Deus e começa a ouvir o que Deus tem a dizer-lhe (2.1-2). O chamado e vocação de Ezequiel são concomitantes ao seu envio. Ele será enviado a um povo rebelde e obstinado, e Deus fará

---

<sup>23</sup> SICRE, 1992, p.114.

que eles reconheçam Ezequiel como profeta (2.3-5). Deus o adverte para que não tema, pois, ainda que ocorram as perseguições, Ele estará com o profeta. No entanto, ele deve perseverar em falar as palavras de Deus (2.6-7). Deus conhece a dureza da missão e a tentativa natural da rebelião do profeta. No entanto, Deus ordena: “abre a boca e come o que eu te dou” (2.8). Deus mostra o conteúdo da mensagem profética a ser proferida: lamentos, suspiros e ais (2.9-10).

No capítulo 3, Ezequiel é ordenado novamente a comer o rolo do livro e falar as suas palavras (v. 1-3). Ezequiel é enviado à casa de Israel, mas é advertido que as suas palavras não terão acolhida. O povo se apresentará de frente enraivecida, mas Ezequiel receberá também uma frente dura, como de diamante, para enfrentá-los. O profeta deve falar, quer ouçam ou deixem de ouvir (v. 4-11). Ezequiel vivencia novamente uma manifestação de Deus, agora por meio da audição. Deus conduz o profeta angustiado no seu espírito para junto dos exilados, e ele passa a morar com eles. O profeta fica por sete dias atônito no meio deles (v. 12 -15). Depois dos sete dias de perplexidade, a Palavra do Senhor veio a Ezequiel reafirmando o seu comissionamento, como vigia de Israel (v. 17). Ezequiel avisaria os seus compatriotas a respeito dos seus pecados. Ezequiel deveria avisar o perverso ou o justo, quando o Senhor colocasse diante deles a sentença de morte ou do tropeço, para que estes não pereçam; caso haja arrependimento, o profeta ficará isento do pecado deles (v. 18-21). No final do seu relato de vocação Ezequiel é direcionado pela mão de Deus para o vale, presencia a glória de Deus e cai com o rosto em terra (v. 22-23). O Espírito entra nele, e ele recebe uma ordem para não sair de casa (v. 24). O profeta é avisado do seu futuro aprisionamento, da sua mudez, e da incapacidade de ouvir a Palavra de Deus do seu povo (v. 25-27).

A vocação de Ezequiel segue os padrões de outros vocacionados com a intensidade maior para visões, audições, com o diferencial para “a mão do Senhor”, como uma ação de Deus fortalecendo e impulsionando o cumprimento da vocação. A incongruência entre o falar da parte de Deus e a conversão do povo se mantém. O profeta não será ouvido. No entanto, esta reação compõe o projeto de Deus. O profeta deve perseverar em cumprir a vontade de Deus, independente dos resultados.

## 1.2 Jeremias e a sua vocação

### 1.2.1 Contexto histórico-político

Jeremias foi vocacionado para a atividade profética em 627 a. C., na época de Josias. Josias trabalhava intensamente numa reforma de acordo com os padrões estabelecidos no livro de Deuteronômio, mas foi interrompido na batalha contra os egípcios em 609 a. C., que culminou na sua morte. Os egípcios depuseram Jeocaz, sucessor imediato de Josias, depois de um mês de reinado, nomeando para o seu lugar seu irmão mais velho, Jeoaquim. Com a ascensão do Império Babilônico no cenário internacional, seria prudente, por parte de Joaquim, manter-se numa subordinação nominal à nova potência. Joaquim não quis se submeter aos mandos do Império Mesopotâmico, revoltando-se ao primeiro sinal de fraqueza por parte da Babilônia.

Os babilônios não tiveram outra alternativa a não ser marchar em direção a Jerusalém. Jeconias, filho de Joaquim foi preso e levado acorrentado para a Babilônia junto com parte dos oficiais de sua corte (2 Rs 24.15). Os babilônicos colocaram no trono o terceiro filho de Josias, Sedecias (ou Zedequias). Mas este também estava disposto a seguir uma política externa de independência. Desta vez, os babilônicos foram mais agressivos em reação à rebelião de Sedecias. O governante e os seus filhos foram mortos, Jerusalém, o palácio real e o templo foram incendiados e os muros da cidade demolidos. Assim como o reino do norte, Israel, com sua capital Samaria, tinha sido destruído em 722 a. C. pelos exércitos assírios, com a queda de Judá finda-se a monarquia por intermédio dos babilônios em julho de 587 a. C.<sup>24</sup>

Em meio à situação de conturbação política, Jeremias é chamado para denunciar desvios e mostrar caminhos para uma política de restauração nacional. Mas a sua vocação não encontra acolhimento por parte dos líderes políticos. Por isso, Jeremias vive entre uma vocação exuberante e o ostracismo das autoridades israeliticas.

---

<sup>24</sup> CERESKO, R. Anthony. **Introdução ao Antigo Testamento**: uma perspectiva libertadora. São Paulo: Paulus. 1996. p. 215

Jeremias foi testemunha ocular e participante desses anos tempestuosos em que Judá lutava para manter a sua independência dentro dos fluxos e contrafluxos da ambição imperial dos estados vizinhos. O livro descreve vividamente o nacionalismo, a paranóia, os interesses concorrentes dos grupos pró-babilônicos e pró-egípcios, a disputa entre “falcões” e “pombas” em Judá.<sup>25</sup>

### 1.2.2 O “background” de Jeremias

Jeremias é o personagem dentre os profetas do Antigo Testamento do qual mais temos informações. Em vários dos seus textos temos declarações a respeito das dificuldades para a sua pregação e as suas orações diante de Deus, expressando a palavra, mesclada com as suas dúvidas, inquietações e temores. Sua personalidade é a mais atraente entre os profetas. Apesar de termos muitas informações sobre a sua pessoa, muitas lacunas permanecem para formar um quadro completo da sua vida.<sup>26</sup> “[...]Em suas imagens é possível sentir a influência do ambiente rural: observa os costumes dos animais (8.7); inquieta-se com as conseqüências de uma seca (14.4); interessa-se pela vinha (8.13)”.<sup>27</sup>

O contexto da vida de Jeremias é a antiga Anatote, localizada no território de Benjamim. Historicamente Benjamim pertencia a Israel; e isto nos ajuda a entender a afeição de Jeremias pelas tribos de Raquel e sua ansiedade pelo retorno dos exilados (Jr 3.12; 31.4-6,9,15-20). Anatote remonta à antiga família sacerdotal de Abiatar, que foi exilada por Salomão na ocasião da insurreição de Adonias (1 Rs 2.26).<sup>28</sup> Ter a sua origem numa família sacerdotal em suspeição histórica pode ter trazido sobre Jeremias um sentimento de inadequação diante da sociedade israelita. Jeremias surge como alguém crítico dos sacerdotes, acusando-os de desconsiderar o pobre, o órfão e o estrangeiro, apesar de praticarem seus atos religiosos ( Jr 5.31; 6.13; 8.10 e 34.18-19).

Jeremias forma a sua mensagem profética a partir da influência de Oséias. A crítica feita por Oséias em seus vaticínios pode ser facilmente identificada nas pro-

<sup>25</sup> LONGMAN III, Tremper; DILLARD, B. Raymond. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova. 2006 p. 276

<sup>26</sup> SCHÖKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. **Profetas I: Isaías, Jeremias**. São Paulo: Paulinas. 1988-1991, p. 414

<sup>27</sup> ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Como ler o livro de Jeremias: profecia a serviço do povo**. (2. ed.) São Paulo: Paulus. 2007. p. 9

<sup>28</sup> SKINNER, John. **Jeremias: profecia e religião**. São Paulo: Aste. 1966. p. 30

fecias de Jeremias (Os 3.4; 4.17; 13.12 e 14.8; Jr 2.5; 7.30; 8.19 e 10.5); este parece ter na profecia de Oséias seu referencial, principalmente com relação à volta aos mandamentos contidos na Lei (Jr 2.8; 8.8, 44.10). Jeremias não faz um plágio dos escritos de Oséias, mas uma apropriação original. A crítica veemente às práticas religiosas sem sentido, alienadas da realidade são demonstradas com as ações proféticas. Jeremias, apesar de sua vinculação sacerdotal, não ignora a postura leviana dos líderes religiosos. O seu ambiente de formação não poderia ser melhor, a fim de cumprir a tarefa designada.

Alguns comentaristas localizam a vocação de Jeremias dentro dos tempos de paz de Josias, que foi o melhor e o mais promissor dos sucessores de Davi.<sup>29</sup> A vocação de Jeremias apesar de ter acontecido cedo, não acontece de forma pontual. Ela continua com o desenrolar de sua vida. Possivelmente, Jeremias foi estimulado com as reformas de Josias. O desejo do governante de ver o seu povo voltando às antigas tradições do Deuteronômio, livre dos ídolos e independente politicamente, formaram a base para sua profecia. Mas ainda era necessária uma reforma no coração do povo, algo que somente o exílio poderia ensinar. Jeremias se tornaria o instrumento de Deus para viabilizar este plano.

A sua formação humilde vinculada ao campo se mostra em contraste com a vida da cidade. Jeremias se preocupa com a situação do povo e as imagens formuladas por suas profecias estão intimamente ligadas à vida campesina. A vida humilde e a dura atividade rural produzira em Jeremias a capacidade de enfrentar a oposição de seus adversários, mas em contrapartida reverbera uma personalidade melancólica de constante inadequação à atividade pública. A exploração dos ricos para com os pobres, evidente em algumas partes da profecia, pode ter sido algo visível para Jeremias na atividade comercial entre o campo e a cidade. Jeremias não quer ver mais injustiça, quer o seu povo praticando os mandamentos de Deus, quer os líderes fomentando a prática da Lei (Jr 22.13).

---

<sup>29</sup> ELLIS, Peter. **Os homens e a mensagem do Antigo Testamento**. São Paulo: Santuário. 1985. p. 280

### 1.2.3 A vocação

O capítulo primeiro do livro de Jeremias é uma composição elaborada para ser uma peça de abertura do livro, tem o objetivo de sintetizar aspectos substanciais do livro que justificam a obra do profeta. No texto podemos considerar a vocação nos versículos 4-10 e o envio em 17-19.<sup>30</sup> A vocação de Jeremias se dá com o recebimento da Palavra do Senhor, conforme confirma o relato bíblico:

A mim me veio, pois, a palavra do Senhor, dizendo: Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações. Então, lhe disse eu: ah! Senhor Deus! Eis que não sei falar, porque não passo de uma criança. Mas o Senhor me disse: Não digas: Não passo de uma criança; porque a todos a quem eu te enviar irás; e tudo quanto eu te mandar falarás. Não temas diante deles, porque eu sou contigo para te livrar, diz o Senhor. Depois, estendeu o Senhor a mão, tocou-me na boca e o Senhor me disse: Eis que ponho na tua boca as minhas palavras. Olha que hoje te constituo sobre as nações e sobre os reinos, para arrancares e derribares, para destruíres e arruinares e também para edificares e para plantares. (Jr 1.4-10)<sup>31</sup>

Uma análise do relato da vocação de Jeremias nos ajudará a compor o quadro da vocação profética entre os principais profetas literários. A vocação de Jeremias começa com a chegada da Palavra de Javé (v. 4). Diferentemente dos demais, Jeremias não tem uma visão inicial ou outra manifestação mais sobrenatural para dar seguimento ao comissionamento. A Palavra do Senhor que chega a Jeremias não vem com palavras diretas a serem dirigidas ao povo, mas um conhecimento prévio do Senhor sobre a vida do profeta. Javé parece preparar o coração do profeta para a árdua tarefa que virá. A consagração do profeta desde o ventre materno poderia ter motivado o profeta na sua missão (v. 5).

A continuação do relato nos remete à inadequação por parte do profeta, vista também em Isaías. O protesto para não atender o chamado (v. 6) se desdobrará em outros protestos ao longo do comissionamento, como veremos mais adiante nas confissões. O protesto não é aceito, pois a ordem divina não pode ser desobedecida (v. 7). Deus promete livramento para o profeta (v. 8). Há uma imposição de Javé ao profeta, colocando Suas palavras da boca dele. As palavras agora estarão na boca do profeta, e ele terá que falar. (v. 9). Diferente dos demais profetas, a ação de Jeremias em relação à sua nação poderá também ser de edificação. Enquanto Isaías

<sup>30</sup> SCHÖKEL; DIAZ, 1988-1991, p.436

<sup>31</sup> BÍBLIA, Almeida Revista Atualizada. São Paulo: SBB. 1999. Versão eletrônica 2005.



as e Ezequiel verão somente destruição, Jeremias tem a promessa de que poderá edificar (v. 10). Sicre ressalta a diferença entre as vocações:

Chama a atenção o caráter tão diferente em relação a outras vocações. Enquanto Isaías contempla o trono de Deus rodeado de serafins, e Ezequiel descreve uma estranha teofania, Jeremias se limita a dizer: “recebi a palavra do Senhor”. Esta é a única coisa decisiva para toda a vida dele. O lugar, e também o modo, são secundários. O peso todo recai sobre esta palavra que é comunicada ao homem.

Vejamos algumas definições da palavra “vocação” e suas implicações no chamado profético.

Elwell define assim:

Diz que a vocação tem origem no latim *voco*, ‘eu chamo’, a palavra é usada para descrever o chamado de Deus ao Seu povo, tanto individual quanto coletivamente.

No AT, Deus é visto chamando os indivíduos para tarefas especiais de obediência e liderança; Abraão, Moisés, Samuel, Davi e Jeremias são exemplos diferentes dessa atividade.<sup>32</sup>

Idígoras nos dá a seguinte contribuição:

[...] a vocação consiste na escuta interior de um apelo que dá sentido e valor à vida inteira. Ao contrário da profissão, que costuma ser motivada por razões utilitárias e práticas, a vocação representa o encontro do homem com seu autêntico caminho, fazendo-o centrar-se na dimensão mais profunda da sua existência.<sup>33</sup>

A partir destas declarações, a vocação começa com uma ação atemporal e unilateral na formação do vocacionado. Deus o escolhe e o capacita para cumprir a missão. O vocacionado se sente geralmente inadequado, pois ainda que seja escolhido, vê-se impossibilitado de cumprir a tarefa. Aceitar o comissionamento é sempre difícil, pois o cumprimento do chamado requer um coração compatível com a vontade de Deus. O profeta precisa compartilhar as mesmas dores, mas se vê em fraqueza, como Moisés, que diz: “é grande o fardo que tenho que carregar deste povo” (Dt 1.12).

O relato da vocação de Jeremias mostra, de uma maneira que não poderia ser mais explícita, que se é profeta por escolha de Deus. A iniciativa da missão vem dele. Não se escolhe ser profeta, a pessoa é escolhida para tornar-se profeta. Ser consagrado profeta significa ser posto à parte – não a

<sup>32</sup> ELWELL, A. Walter (Editor). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. VI III. São Paulo: Vida Nova. 2009. p. 630

<sup>33</sup> IDÍGORAS, J. L. **Vocabulário teológico para a América Latina**. São Paulo: Paulinas. p. 556

fim de não se sujar com os outros ou porque o profeta se torna de certo modo “mais” do que os outros. Simplesmente porque, ao tornar-se profeta se torna alguém à parte, a consciência crítica do povo, alguém que atrapa-lha, que perturba, que incomoda. E tais pessoas não têm muitos amigos[...]

<sup>34</sup>

Este chamado conquista a vontade de Jeremias. Ele é tomado de paixão por Deus, expressa com grande liberdade o anseio pela causa divina. A vocação divina procura os seus vocacionados não de forma aleatória, ainda que em nossa visão as pessoas escolhidas pareçam inadequadas. A vocação encontra os seus, sustenta-os, estabelece-os e os faz triunfar com a Palavra de Deus nos seus lábios.

O chamado de Jeremias se confunde com início da Palavra do Senhor vindo a ele (Jr 1.4). A palavra de Deus se achegando a sua boca para ser profeta às nações simplesmente lhe causava pavor (Jr 1.6-8). Primeiro, porque Jeremias justificava-se alegando pouca idade para fazer anúncio de Deus para os povos. Segundo, as palavras que estava prestes a anunciar seriam palavras de autoridade, para desarraigam povos e também plantá-los (Jr 1.10). Sua palavra daria início a eventos que trariam conseqüências inéditas na história, e Jeremias cogitava das possíveis conseqüências dos seus atos proféticos.

O evento da palavra vindo a Jeremias é tão claro que este sabe exatamente o que falar e dizer (Jr 2.1). Semelhantemente a Moisés que falava com Deus face a face, Jeremias está diante de Deus para receber a sua palavra de forma poderosa. Ao receber a palavra, transmitia com autoridade de quem foi comissionado (Jr 1.17). Javé o impulsiona a declarar a verdade de Deus para as autoridades (Jr 1.18). Esta palavra desencadeia os eventos de destruição. Mas antes de dar seqüência aos eventos destruidores, ela se coloca esperando arrependimento (Jr 2.20-23). Essa é a proposta de Javé, Palavra - Arrependimento - Bênção.

---

<sup>34</sup> ASURMENDI, Jesus. **O profetismo**: das origens à época moderna. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 67

## 2 CRISE: RELUTÂNCIA E OBEDIÊNCIA

### 2.1 Introdução sobre profetismo e crise

De acordo com a tradição Deuteronomista, Moisés surge como profeta mediador da aliança e a partir dele será seguido um parâmetro para a profecia Deuteronomista, ou seja, as palavras deste profeta não podem cair por terra, sem o seu devido cumprimento (Dt 18.15-22)<sup>35</sup>. Os profetas que se sucedem devem trilhar este caminho da aprovação divina, ainda que sofram ameaças do povo e da corte. O profeta mosaico deveria cumprir a sua função juntamente com os juízes, reis e sacerdotes levíticos na manutenção social, bem como o seu papel de intercessor, pois segundo o Deuteronomista, o profeta também exerce funções culturais regulares.

Elias e Eliseu são exemplos de profetas mosaicos, que não dependem da aprovação régia, vaticinam em favor da vida preconizada no Deuterônômio. Eles se apresentam como profetas independentes na busca de reforma cultural, principalmente por causa do culto a Baal que havia se infiltrado no centro da religião israelita. Eles são alvos de ataques da corte, por serem livres para cumprirem as palavras de Javé ungindo novos reis, fomentando a justiça social. Por essa razão viveram isolados, solitários e, freqüentemente, entraram em oposição ao profetismo oficial e “profissional” (cf. p. ex. Jr 23.9).<sup>36</sup>

Na época de Elias, alguns profetas “sem nome” sofreram por causa do culto a Baal. Alguns tiveram que se esconder em covas, para não morrer nas mãos do poder do rei (1 Rs 18.4). E outros tantos foram protegidos contra a profanação do nome do Senhor (1 Rs 19.18), permaneceram fiéis por livre graça de Deus, aguar-

---

<sup>35</sup> WILSON, 2006, p. 42

<sup>36</sup> RENDTORF, Rolf. **A formação do Antigo Testamento**. (4 ed.) São Leopoldo: Sinodal. (1985). p. 27

dando uma mudança no poder institucional. Micaías, também típico profeta mosaico, foi para o cárcere por não emitir vaticínios otimistas referentes à guerra com a Síria. (2 Rs 22.26-27).

Durante o seu ministério profético, Amós é confrontado pelo sacerdote Amazias (Am 7.12-13) a não mais profetizar em Betel, lugar do santuário do rei. Oséias é impelido para o casamento com uma mulher de prostituições, causando grande consternação para o profeta pelas constantes infidelidades de sua esposa (Os 2.5).

## **2.2 A crise de Jeremias**

Jeremias viveu vendo seu pai officiar diante dele os ritos próprios dos sacerdotes. A figura sacerdotal deveria ser identificada como representante do povo diante de Deus para abençoar (Nm 6.23-27). O sacerdote era um símbolo de Israel como nação cúltica. Essa figura perdura até o momento da queda do templo em 70 d.C. Esta imagem, provavelmente, permanecia presente na vida de Jeremias. No entanto, desde o momento em que foi chamado para o ofício de profeta estão em seus lábios somente palavras de desolação que virão sobre o povo como juízo de Deus. Ao mesmo tempo em que Jeremias vê o seu ministério ratificado pelo cumprimento de suas palavras, vê a si mesmo num ambiente novo, de crise pessoal. As conseqüências de sua palavra trazem pesar e murmuração.

Há dois pólos dominadores na atuação do profeta Jeremias, o primeiro - da mensagem de Deus, e do lado oposto – suas expectativas com relação à mensagem. De certa forma os israelitas não anseiam por ouvir mensagens de desgraça. Ainda que estejam em total degradação moral, eles anseiam pelo perdão. Diante disso, Jeremias passa a ouvir as altercações nos lugares onde anuncia a sua mensagem. E não somente isso, mas uma ameaça de agressão. Sofre as dores da perseguição. O que é duro para Jeremias não são as dores físicas impostas por seus detratores, mas as dores de ser considerado inimigo do seu povo, por obediência à Palavra de Deus. Jeremias encontra-se nesta tensão. Como menciona Fohrer:

O profeta sujeita todas as seguranças mágicas, cultuais-legais e nacionais em que outros se baseavam; abandona qualquer forma de segurança, en-

contrando-se assim diante de Deus em uma situação de plena incerteza; renuncia a fazer-se valer diante de Deus, tornando-se aceito por ele.<sup>37</sup>

Jeremias, na sua experiência com Deus, confrontava a religiosidade popular. O profeta pregava a vivência da fé para as relações diárias, e isso incomodava (Jr 7.5-7). “Assim, a atitude existencial dos profetas fundava-se em uma nova compreensão de Deus, nascendo da experiência pessoal, de uma revelação feita ao profeta, o qual vivenciava Deus como paixão sagrada e fogo ardente [...]”<sup>38</sup>. A sua vocação e missão se fundiam, a partir de uma experiência traumática para ambos, Deus e o profeta.

A missão incluía vaticínios de juízo que não eximiam o profeta das consequências. O profeta a serviço do povo ( Jr 1.1; Jr 1.5; Jr 7.23; Jr 9.1-2; e Jr 14.17) vai para o exílio, pois as suas palavras o impulsionam a acompanhar o povo. A missão prevê perdas irreparáveis na vida do profeta e na vida do povo. O profeta se vê impedido de constituir família, de cumprir com a tradição sacerdotal, da possibilidade de viver a vida comum (Jr 16.2). O resultado da abnegação profética tem a sua recompensa com o cumprimento da Palavra de Deus em sua boca.

Como resultado da missão se espera a salvação do seu povo, a restauração daqueles que viviam em estado de alienação à vontade de Deus. O profeta será um instrumento de salvação, mas antes será reconhecido como perdição. Somente com o tempo o povo poderá compreender as profecias de Jeremias como ações salvíficas. No momento, qualquer atitude diferente da lógica política em vigor será interpretada como traição, principalmente para os líderes. Mas, como profeta verdadeiro, Jeremias permanecerá até o fim, ainda que ele mesmo tenha que sofrer, para provar o amor de Deus ao povo. Jeremias sabia das implicações do seu chamado. Este conhecimento impossibilitava a sua argumentação de inadequação. Ele é o profeta escolhido para levar a Palavra de Deus, e toda recusa se torna contraproducente ao agir de Deus.

---

<sup>37</sup> FOHRER, 1982, p. 108

<sup>38</sup> FOHRER, 1982, p. 106.

### 2.2.1 O Texto Confessional de Jeremias 20. 7-10

Começaremos com a análise da última confissão no seu texto básico, pois há acréscimos posteriores, como a expressão de confiança (v. 11-13) e uma maldição do dia do nascimento (v.14-18). Após a análise do texto básico faremos uma comparação entre as confissões, finalizando com o resumo dos principais temas abordados.

As confissões de Jeremias podem ser vistas como expressões autênticas da sua angústia profética. São as orações do profeta diante de Deus. Esses textos guardam uma similaridade muito grande com os salmos. Elas estão inseridas na primeira parte do livro e são cinco: Jr 12.1-5; 15.10-11,15-21;17.14-18; 18.19-23 e 20.7-18. Apesar de identificarmos nas confissões certos temas recorrentes, não se pode elaborar um modelo.<sup>39</sup>

<sup>7</sup>Persuadiste-me, ó SENHOR, e persuadido fiquei mais forte foste do que eu e prevaleceste; sirvo de escárnio todo o dia; cada um deles zomba de mim.<sup>8</sup> Porque, sempre que falo, tenho de gritar e clamar: Violência e destruição Porque a palavra do SENHOR se me tornou um opróbrio e ludíbrio todo o dia.<sup>9</sup> Quando pensei: não me lembrarei dele e já não falarei no seu nome, então, isso me foi no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; já desfaleço de sofrer e não posso mais!<sup>10</sup> Porque ouvi a murmuração de muitos: Há terror por todos os lados! Denunciai, e o denunciaremos! Todos os meus íntimos amigos que aguardam de mim que eu tropece dizem: Bem pode ser que se deixe persuadir; então, prevaleceremos contra ele e dele nos vingaremos.<sup>40</sup>

O texto-base da crise de Jeremias começa com a declaração da persuasão de Deus frente às desventuras do profeta, advindas do escárnio e da zombaria dos seus conterrâneos (v. 7). Jeremias fica ensimesmado diante da sua própria reação à atitude divina de persuasão. Ele reconhece que não pôde resistir, Deus foi mais forte do que ele. “Jeremias acusa Deus de ter desejado aproveitar-se de sua juventude e sua inexperiência; em uma palavra, de tê-lo seduzido como se seduz uma mocinha (cf. Ex 22.15)”.<sup>41</sup> “Jeremias afirmou que o Senhor o havia seduzido e que

<sup>39</sup> BRIEND, Jacques. **O livro de Jeremias**. São Paulo: Paulinas. 1987. p. 49

<sup>40</sup> BÍBLIA, Almeida Revista Atualizada. São Paulo: SBB. Versão eletrônica 2005. 1999.

<sup>41</sup> BRIEND, 1987, p.52

ele havia sucumbido à tentação”.<sup>42</sup> Esta aquiescência de Jeremias revela a sua vontade de cumprir os propósitos de Deus.

O profeta terá que continuar a pregar independente das reações a sua mensagem. Jeremias admite que o seu discurso é somente sobre violência e destruição e o seu povo não quer ouvir tal mensagem (v. 8). Ele não tem a autorização para editar o conteúdo da mensagem, pois, assim que fala, é esta mensagem que sai dos seus lábios. Qualquer tentativa de não falar tem conseqüências psicossomáticas no profeta (v. 9). Ele sente dores, calor, incômodos, há uma reação física no seu corpo na sua relutância em cumprir o chamado profético. Desta forma, ele não pode desistir, pois poderá perecer na sua relutância. A tentativa da desistência acontece por uma ameaça externa. Há uma intenção real de fazê-lo calar (v. 10).

De forma geral, o que se observa nesta confissão é a crise do profeta para anunciar a Palavra de Deus. Jeremias toma uma atitude de resistir à vontade de Deus e se depara com um elemento inusitado: a sedução. Deus se apresenta para Jeremias, irresistível. O profeta está impotente para deixar o chamado. A sedução não se trata de uma tentativa para saciar os sentidos do profeta, mas de colocar nele o prazer somente no anúncio da Palavra. O profeta é convencido a anunciar a Palavra do Senhor, ainda que as perspectivas sejam desanimadoras.

Jeremias, nas profundezas de seu desespero, quando seu ministério parecia tão infrutífero, queixou-se de que Deus o enganara. O Senhor foi gracioso com ele, pois Jeremias não pôde escapar ao comissionamento (20.7-9). Até mesmo um profeta pode ser enganado por Deus quando um povo fingido pede orientação<sup>43</sup>.

O sentimento de inutilidade incita a insurreição no profeta. As expectativas frustradas de sua pregação alimentam a intenção de parar de falar. O profeta vive a tensão entre obediência e a desobediência. O processo de sedução soa para leitor com um “golpe baixo”. Deus sabia onde atingir o profeta, a fim de conduzi-lo à obediência. Assim, o profeta convive com a sua limitação e comissionamento. Baggio usa o termo da conquista para expressar a forma como Jeremias volta para proclamar a vontade de Deus.

---

<sup>42</sup> RADMACHER, Earl. D.; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, H. Wayne. (Ed.) **O novo comentário bíblico – Antigo Testamento: a palavra de Deus ao alcance de todos.** Rio de Janeiro: Central gospel. 2010. p.1150.

<sup>43</sup> HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p.1249

[...] Jeremias fora conquistado por Deus. E o profeta usa uma linguagem quase atrevida para indicar a ação com que Deus lhe revolucionara a vida. [...]  
São termos técnicos de sedução e violência, próprias de encontros com uma jovem. E Jeremias não receia empregá-los em referência a Deus. Entretanto, afirma, ao mesmo tempo, a própria aceitação livre e voluntária.<sup>44</sup>

É pertinente o termo “sedução”, “ilusão”, “persuasão”, pois nos remete à idéia do relacionamento do profeta com Deus. Não é uma decisão unilateral da Divindade, o profeta é cúmplice de Deus na ação da proclamação, tornam-se parceiros para resgatar o povo negligente. O convencimento de Jeremias é semelhante a um amigo insistente que usa da sua amizade para convencer o outro na participação de um projeto. Jeremias não tem como resistir a partir de tais estratégias. É um consentimento relutante, talvez com dores no coração, mas Jeremias se decide por Deus. “Em Jeremias a vocação é dom de Deus. Porque a personalidade e a inclinação natural do profeta não pareceriam favorecer a vida e a missão a que o Senhor o chama”.<sup>45</sup> Almeida argumenta que a aceitação profética passa pelo caminho da vontade, ofertando a possibilidade de escolha, pois o chamado precisa tomar uma decisão, ainda que relutante.

Mas os profetas não passavam apenas pela experiência da anulação de toda realidade humana diante da grandeza de Deus, eles também tomavam consciência de que a força divina não sujeita o homem, privando-o de sua vontade, mas o chama, colocando-o diante de uma decisão pessoal, pela qual deve dizer sim ou não a esse Deus e às suas vontades.<sup>46</sup>

O contexto anterior da confissão é o episódio onde Pasur espanca e coloca Jeremias no cárcere (Jr 20.1-6). Jeremias profetiza de forma veemente contra Pasur. Pasur está executando uma sentença contra Jeremias por causa de sua profecia, mas está também recebendo uma sentença da parte de Deus por prender o profeta do Senhor. Numa primeira impressão, parece que Jeremias considera a situação realizada por Pasur num nível pessoal, pela forma como fala. A profecia de Jeremias soa como um salmo de impreciação. A Palavra de Deus que sai do profeta é a ação de Deus, e todos que se interpõem contra o braço de Deus serão punidos. Este evento da prisão de Jeremias se insere dentro do agir profético para a cidade. Agora, Pasur é lançado dentro da profecia com o mesmo destino dos moradores de Jerusalém, será paciente da ação de Deus, por meio da Babilônia.

<sup>44</sup> BAGGIO, Giovanni. **Jeremias**: o testemunho de um mártir. São Paulo: Paulinas, 1984, p.75

<sup>45</sup> RODRIGUES, Angel Aparício; CASAS, Joan Canals (Dirig). **Dicionário Teológico da Vida Consagrada**. São Paulo: Paulus. 1994. p. 1148

<sup>46</sup> ALMEIDA, Joãozinho Thomaz. **Jeremias**: homem de carne e osso. São Paulo: Paulinas.1997. p.36.



O embate com os líderes religiosos será importante nas confissões de Jeremias. As instituições religiosas são opositoras ferrenhas das profecias jeremianas, pois a religião institucional legitimava a ação política de independência diante da Babilônia. Jeremias rompe com esta lógica, e está disposto a questionar a ação destas classes dominantes.

O administrador-chefe do Templo estava entre os que mais abertamente rejeitaram a palavra de Deus rejeitando o profeta. Assim o Templo e tudo que representava enquanto instrumento de bênção e iluminação para a vida religiosa de Israel, tornaram-se um obstáculo para o verdadeiro conhecimento de Deus.<sup>47</sup>

A ação de Pasur desencadeou no profeta a sua confissão, talvez, a mais dramática. Jeremias, neste aspecto, parece com Elias depois de derrotar os profetas de Baal. No momento da batalha se mostra invencível, com ações firmes e palavras de autoridade é o campeão de Deus (1 Rs 18.19-40). Mas, depois de passar o momento da vitória entra numa descendente emocional, como se não houvesse sentido agir em nome de Deus (1 Rs 19.10). Viver somente na realidade de Deus aparentemente não adianta muito, quando não se tem o respaldo do seu povo. Ou quando os seus próprios irmãos e amigos não reconhecem a sua atitude como originária em Deus. Ainda que a Palavra profética se realize, confirmando que Deus está com ele, parece não ter tanta importância. Jeremias quer desistir, quer parar de falar em nome de Deus, mas, como já vimos, vê-se novamente inebriado, persuadido, seduzido. O seu chamado e vocação são mais fortes do que sentimento de autocomiseração. Ele continua como profeta de Deus.

Notamos um certo endurecimento da posição do profeta à medida que ele se move da esperança do arrependimento a um senso da inevitabilidade do castigo. Quando isso acontece, encontramos uma crescente expressão do *pathos* profético e divino – no início sem distinção entre a percepção celestial e terrena; depois, quando os contatos sociais do profeta aumentam, com um senso crescente de seu isolamento em relação a Deus e aos homens igualmente.<sup>48</sup>

## 2.2.2 Comparação entre as confissões

---

<sup>47</sup> ROSSI, 2007. p.67

<sup>48</sup> KERMODE, Frank; ALTER, Robert. (Org.) **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: UNESP. 1987. p. 202

### 2.2.2.1 Primeira Confissão de Jeremias 11.18-12.6

Jeremias é ameaçado por pessoas conhecidas, como Pasur que era chefe do Templo, que provavelmente conhecia sua família. Agora, moradores de Anatote (v. 21), sua cidade de origem, ameaçam o profeta maquinando o mal contra ele. Talvez até membros de sua família estivessem juntos nesta trama. O profeta, como todo o homem que verdadeiramente serve a Deus, não vive perscrutando para saber o que estão maquinando a respeito dele. É claro que ele tem conhecimento do conteúdo duro de sua mensagem e da reação que ela causa, mas ele espera por conversão, e não ameaças de morte. Apesar de saber dos comportamentos maldosos, Jeremias se mostra esperançoso para com os seus conterrâneos.

[...] temos que considerar o fato de que, nos anos que se seguiram, os inimigos mais violentos do nosso profeta foram aqueles de sua própria família. Seus irmãos e a casa de seu pai estavam cheios de clamor contra ele (12.6), quando os homens de Anatote tentaram matá-lo, por haver profetizado em nome de Javé.<sup>49</sup>

Jeremias se vê como manso cordeiro (v. 19), como aquele que é enganado e levado ao matadouro sem nada saber. Os projetos são articulados, de forma a silenciá-lo. Mas Deus novamente vem em seu socorro, prometendo punir os ameaçadores, trazendo um juízo específico contra aqueles que se levantam contra a Palavra do Senhor na vida do profeta (v. 22). A Palavra de Deus na boca do profeta é uma arma arrasadora capaz de aniquilar todos os que se opõem aos projetos de Deus. A ação de execução do juízo ficará em suspenso até o tempo determinado, pois se realizará no ano da punição. Provavelmente, coincidirá com o juízo que virá sobre Jerusalém. A mensagem de Deus os encontrará onde estiverem.

Jeremias parece deslocar a sua atenção dos moradores de Anatote, para falar com Deus a respeito dos seus juízos (Jr 12. 1). À semelhança de outros personagens bíblicos (Asafe – Sl 73 ; Habacuque – Hb 2), Jeremias questiona a justiça de Deus diante das injustiças diárias na cidade. Os perversos, segundo Jeremias, prosperam como as grandes árvores enraizadas em terra profunda, onde o tempo de vida será longo e frutífero. Estes perversos falam de Deus, confessam o nome de Deus, mas o coração está afastado do Senhor. Agem com perfídia, malícia, mas nada lhes acontece. Jeremias quer ver o fim destes, quer que Deus tome uma atitude para com estes zombeteiros da verdade.

---

<sup>49</sup> SKINNER, 1966, p. 31

Nos versículos 3 e 4 Jeremias se coloca diante de Deus como alguém justo, alguém que Deus conhece. Por causa de sua justiça diante de Deus, ele pede a destruição dos homens perversos (12. 3). Jeremias aponta, como uma possível causa da degradação do meio ambiente, a existência de pessoas que não temem a Deus. Os perversos não temem a morte, pois a situação em volta deles é de prosperidade, nada pode detê-los na sua sanha por espoliar os pobres e acumular mais recursos.

Nos versículos 5 e 6 vem a resposta de Deus. A resposta se apresenta de forma metafórica. Deus confronta Jeremias dizendo que ele não está agindo de acordo com as circunstâncias, Jeremias está supervalorizando a situação, pois ainda não viu o que acontecerá, coisas piores virão. Se o profeta não consegue lidar com esta situação pequena, como lidará com uma situação limite? Jeremias quer a destruição dos perversos, mas Deus aponta que na sua própria casa há perfídia e maldade. Deus o adverte: “Não confie neles, ainda que falem coisas boas”.

#### **2.2.2.2 Segunda Confissão de Jeremias 15.10-21**

Jeremias começa a sua confissão com um “Ai” (v. 10). Esta expressão é muito utilizada pelos profetas, para declarar o juízo de Deus sobre povos, líderes, mas, neste caso, Jeremias é objeto também da condenação de Deus, segundo a sua própria visão. “Jeremias agora alcança o ponto mais baixo em sua carreira. Sem amigos, esquecido, desestimulado, frustrado, ele chega quase a desistir da vida.”<sup>50</sup> Isso porque o seu infortúnio é ter palavras de contendas e rixas nos seus lábios. O tom de sua mensagem não se modifica, é sempre juízo de Deus. Todos o vêem como objeto de perturbação da ordem pública. Jeremias busca alguma explicação nas práticas correntes entre os israelitas, como o empréstimo com juros altos, que traziam maldição para uma pessoa, mas ele não se enquadra nelas. No entanto, é o alvo das palavras de maldição do seu povo.

Deus lhe responde dizendo que será fortalecido e que o inimigo pedirá auxílio quando chegar a calamidade. Deus consola Jeremias afirmando que os maledicentes serão suplicantes da misericórdia divina quando chegar o dia da

---

<sup>50</sup> RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p.1143

aflição (v. 11). O Senhor reafirma a sua sentença declarando que ninguém pode quebrar o ferro que virá do Norte, uma possível alusão aos babilônicos. Eles saquearão todos os bens, por causa do pecado do povo (v. 14). E as conseqüências também atingirão o profeta, pois este será levado para exílio, com seus inimigos, como prova da ira de Deus.

O profeta dirige suas palavras, amparando-se na longaminidade de Deus e no seu comportamento resiliente por amor ao Senhor (v. 15). O profeta menciona a sua atitude pró-ativa no ato de apropriação das Palavras de Deus. Apesar de reconhecer que são palavras de rixas e violência, admite que também são palavras agradáveis e trazem gozo e alegria, pois estão relacionadas à dignidade do Nome do Senhor na sua vida (v. 16). O profeta reconhece um isolamento, por ocasião da Palavra do Senhor. As palavras de ameaça traziam um peso no coração do profeta. Ele não poderia viver num estado de euforia, enquanto o seu coração vivia pesaroso. Seria uma contradição (v. 17). Esta situação de profunda melancolia está relacionada à incumbência do anúncio da Palavra de Deus e sua separação para este ofício. Jeremias é proibido de casar-se (Jr 16.2) e não pode participar dos eventos que fazem parte de uma família israelita ideal; está afastado das celebrações (Jr 16. 8-9) e da solidariedade da família ( Jr. 16.5-7) , por isso vive isolado. O profeta reclama da dor incurável, possivelmente, ocasionada pela Palavra de Javé. O profeta questiona a veracidade de sua experiência com Deus, pensando que pode estar sendo iludido. A inconstância das situações vividas por Jeremias, que não sabe o que lhe virá, faz com que ele compare a Deus como um ribeiro “inconstante”.<sup>51</sup> “O ilusório ribeiro é uma ilustração vívida sobre as regiões áridas do Oriente Médio, onde a água é um bem escasso e as correntes podem secar sem aviso.”<sup>52</sup> (v. 18). Jeremias dá a impressão de que a situação está fora de controle, assim como o ribeiro seca sem aviso prévio, Deus não se mostra como uma torrente forte e vigorosa, pois os inimigos se sublevaram e vieram com ímpeto sobre o profeta.

Deus apela para o arrependimento do profeta, para que ele continue anunciando a Palavra de Javé com fidelidade, separando o precioso do vil. Sicre se

---

<sup>51</sup> BÍBLIA de Estudo de Genebra. São Paulo: Cultura Cristã; SBB. 1999. p. 878

<sup>52</sup> RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p.1144

expressa da seguinte forma sobre esta confissão:

[...] Não vem consolá-lo nem vingá-lo, mas acusá-lo. O Senhor não aceita a atitude dele, porque Jeremias confunde o precioso com a escória. Só admite um tipo de gozo e alegria, um tipo de presença de Deus, uma forma de exercer o seu ministério, uma atitude dos seus ouvintes. No fundo preocupa-se mais como a sua situação pessoal, sentir-se à vontade (a escória), do que com a mensagem de Deus (o precioso). Por isso, deve converter-se.<sup>53</sup>

O profeta se vê ameaçado em não ser mais porta-voz de Javé. Deus pode trazê-lo de volta e fazer com que ele esteja com Ele. Haverá persuasão dos seus inimigos, mas o profeta deve continuar do lado de Deus (v. 19). Javé promete salvação para o profeta, independente da retaliação dos opositores. Os inimigos não prevalecerão. (v. 20). A salvação de Javé será, talvez, em meio ao aprisionamento do profeta, mas haverá livramento (v. 21). É importante notar a ligação existente desta confissão e das demais com o relato de vocação, principalmente da confiança de Jeremias em Javé para livrá-lo dos seus inimigos. (11.22-23, 17.18, 18.19-23, e 20.11).

### **2.2.2.3 Terceira Confissão de Jeremias 17.12-18**

Jeremias começa enaltecendo a Javé. Ele glorifica a Deus falando do trono do seu governo. O seu trono é o lugar do santuário, da adoração, da sua santidade (v. 12). Novamente, Jeremias exalta o Senhor. Deus é esperança do seu povo. Todos os que O abandonam serão envergonhados. O Senhor é uma fonte de águas vivas. Diferentemente das demais confissões, essa parece um salmo de louvor a Deus. Somente no v. 15 se apresenta a forma característica da confissão. Uma interpelação dos opositores para o cumprimento da Palavra do Senhor. É introduzido o questionamento por parte dos opositores. A dúvida por parte dos destinatários, para que se cumpra a Palavra de Javé, é marcante (v. 15). Jeremias confirma o seu chamado para seguir a Palavra de Javé como pastor. Não havia nele desejo por dias maus, mas o que saiu dos seus lábios foram as Palavras que Javé conhece (v. 16). O profeta apela para que não seja motivo de terror, mas parece ser um apelo infrutífero baseado em outras experiências. (v. 17). O profeta encerra esta confissão com uma oração imprecatória contra os inimigos. O profeta deseja o dia mau sobre os seus perseguidores. (v. 19). Este tipo de oração é

---

<sup>53</sup> SICRE, 1992, p. 123

recorrente em outras confissões.

#### **2.2.2.4 Quarta Confissão de Jeremias 18.18-23**

Esta quarta confissão começa com um conluio contra o profeta (v. 18). Os maquinadores afirmam que haverá estabilidade relacionada à vida religiosa do povo. A lei continuará sendo dada ao Sacerdote, o conselho fluirá da boca do sábio e a palavra será dada ao profeta. A conclusão é o descarte de Jeremias como profeta autorizado. Todas as entidades que dão sentido ao povo como povo de Deus continuarão funcionando, independente dos vaticínios negativos de Jeremias. A tentativa a princípio não é atentar contra a vida do profeta, mas feri-lo com a língua. Uma postura indiferente, para neutralizar as palavras de destruição. A tentativa é, sem ouvintes atentos, como poderá este falar com veemência e autoridade?

Esta postura parece atingir o profeta no seu emocional. A oração de Jeremias é que Deus olhe para ele e confronte os seus adversários com palavras, assim como eles as têm usado contra o profeta (v. 19). Jeremias vai afirmar a Deus que procurou o bem deles, intercedendo para que a indignação do Senhor não viesse contra eles com todo o ímpeto. No entanto, os seus adversários abriram uma cova para alma do profeta, talvez numa referência ao dano psicológico causado pelas duras palavras proferidas. O não reconhecimento de Jeremias como profeta-intercessor que busca o bem do seu povo agrava a sua crise, pedindo a Deus para julgar a sua causa.

A partir da desconsideração da atitude profética de intercessão por parte dos seus inimigos, a má interpretação do bem como mal, o profeta pede a destruição dos seus inimigos enumerando as desventuras: entregar os filhos à fome e ao poder da espada; as mulheres serão levadas cativas, tendo os seus maridos mortos, quebrando os laços genealógicos e o legado para futuras gerações; e uma junção das duas outras petições – a morte também por peste e os jovens mortos na peleja (v. 21). Jeremias parece insano em suas declarações. Ao mesmo tempo em que é profundo no expressar os seus sentimentos de sofrimento, ele não economiza frente aos seus opositores. Ele insiste para que aja um clamor em suas casas, por ocasião dos bandos invasores. E tais declarações são por causa da cova que abriram para ele. Agora, não mais uma cova emocional, mas cavada com grandes sulcos na terra (v. 22).

Jeremias encerra esta confissão afirmando que seus detratores usaram de astúcia para matá-lo. Por isso, por usarem de tal ardil, Jeremias pede que eles não sejam perdoados. E sejam destituídos de suas posições, no tempo da ira de Deus. A idéia é que haja uma contabilização dos seus pecados, para não serem esquecidos no dia do juízo de Deus (v. 23).

#### **2.2.2.5 Quinta Confissão de Jeremias 20.11-13, 14-18**

Os versículos que seguem quebram a seqüência de tensão do texto básico da confissão (Jr 20.7-10), dando lugar ao louvor confiante no auxílio divino, culminando com uma imprecação por seu nascimento.

O versículo 11 é uma reafirmação da confiança do profeta na presença de Javé ao seu lado, diante das oposições que tem enfrentado. É importante realçar que nas confissões esse elemento se repete com certa freqüência. A presença de Deus é identificada com um poderoso guerreiro. Por conta disto, os perseguidores terão um final trágico, pois Javé é mais forte do que eles, assim como foi mais forte que o profeta no convencimento para continuidade da tarefa profética. A causa primária da derrota não é somente o embate entre perseguidores fracos e Javé forte, mas o procedimento de não se comportarem de forma sábia. Falta sabedoria ao povo em saber da impropriedade na luta contra a vontade de Deus. Os perseguidores serão envergonhados e não será esquecida a sua afronta.

Mais uma vez Jeremias se apresenta como alguém com razão para pedir a punição dos seus opositores. A sua justificativa é sondagem do seu coração. Na sua concepção, ele está puro, inculpável, os afetos do seu coração estão de acordo com a vontade de Javé. Por isso, baseado nesta inculpabilidade, ele pede sem reservas vingança contra eles. Pois além de não ter culpa da injustiça, Jeremias não vai fazer justiça com as próprias mãos, pois ele não tem os meios legais, que provavelmente estão corrompidos. Por isso, ele recorre ao tribunal de Javé, confiando a Ele a sua causa (v. 12).

Jeremias insere um cântico ao Senhor, como reconhecimento sobre o livramento operado em razão dos malfeitores. Ele está exultante por causa da ação de Deus em seu socorro. Neste trecho, nos apresenta uma interrupção ou conclusão de um pensamento (v.13). Não se pode tentar ordenar dentro de um

parâmetro lógico o início e o término da confissão. Pode ter ocorrido um recomeço dentro da própria confissão para o profeta. Jeremias pode ter pensado em futuros desafios e sofrimentos, mesmo com o livramento de Deus no final

A próxima seqüência (v.14-18) nos parece meio fora de hora, pois Jeremias concluiu com um cântico a perícopes anterior. E agora, começa amaldiçoando o seu dia de nascimento (v.14). No capítulo 15.10, Jeremias lamenta por ter se tornado um homem de rixas e contendas, para toda a terra. Esse texto dá a idéia de que Jeremias está seguindo um caminho contrário ao desejado por sua mãe ou qualquer mãe. Ele não é motivo de orgulho familiar, mas de vergonha. E não é por estar emprestando com usura, mas por anunciar a Palavra do Senhor. Jeremias parece inconsolável. Palavras de profunda amargura toma os seus lábios. Palavras duras de ser ouvidas até por Deus. Mas assim é o profeta, sem muita polidez no falar (v. 15-17). Neste momento parece não se ver como parte do projeto de Deus. Todo o seu sofrimento está resumido no que está vivendo. O que ele vê é trabalho e tristezas (v. 18). Sem isto se resume a vida de um homem, então não vale a pena viver, é melhor nunca ter existido.

Se Jeremias houvesse permanecido apenas um joguete do desígnio celestial, uma voz oracular desencarnada, não teríamos sentido tão plenamente o desespero e a situação crítica do tempo e lugar no qual ele se movia. Seu afastamento abrupto da tradição e costume proféticos quando expõe a sua queixa tão elaboradamente é uma inovação inteiramente própria, e não há nada parecido na literatura profética bíblica.<sup>54</sup>

### 2.2.3 Resumo das confissões

Na tentativa de entendermos os temas recorrentes nas cinco confissões, vejamos o quadro a seguir:

<b>Texto-Base 20.7-10</b>	<b>Primeira Confissão 11.18-12.6</b>	<b>Segunda Confissão 15.10-21</b>	<b>Terceira Confissão 17.12-18</b>	<b>Quarta Confissão 18.18-23</b>	<b>Quinta Confissão 20.11- 13,14-18</b>
Persuasão divina e zombaria dos inimigos – v.7	Conluio – v.18	Ai pessoal e <b>justificativa</b> – v. 10	Louvor a Deus – v. 12 e 13	Conluio v. 18	Proteção divina e <b>juízo aos adversários</b> v. 11

<sup>54</sup> KERMODE, 1987, p. 202



Palavras de violência e ilusão divina – v.8	<b>Justificativa</b> v. 19	Livramento de Deus e <b>juízo de Deus</b> – v. 11-14	Apelo pessoal v. - 14	Pedido por auxílio v. 19	<b>Javé Juiz</b> e avaliador v. 12
Relutância e Obediência – v.9	Ameaça dos adversários- v. 19	<b>Justificativa</b> e pedido de auxílio – v. 15	Zombaria dos adversários – v. 15	Interpelação profética e <b>justificativa</b> v. 20	Louvor a Deus – v. 13
Perseguição do inimigo a <b>justificativa do profeta</b> – v.10	<b>Javé Juiz</b> e avaliador – v. 20	<b>Justificativa</b> – v. 16 e 17	<b>Justificativa</b> –v. 16	Pedido de juízo aos adversários v. 21 e 22	Maldição pessoal v. 14-18
	Ameaça dos adversários- v. 21	Interpelação profética – v. 18	Pedido por livramento – v. 17	<b>Justificativa</b> e pedido de juízo aos adversários v. 23	
	Anúncio de desgraça aos adversários – v. 22 e 23	Resposta de Deus e promessa de livramento – v. 19-21	Pedido de juízo aos adversários v. 18		
	<b>Javé Justo Juiz</b> – 12.1a				
	Interpelação profética 12.1b- 2				
	Javé avaliador – 12.3				
	Resposta de Deus ao Profeta - 12.5-6				

O objetivo da tabela acima é apenas identificar alguns temas recorrentes nas confissões e entender qual é o resultado disso na vida do profeta. Dois temas ficam bem latentes em todas as confissões são: A justiça de Deus e a justificativa do profeta frente às injustiças dos seus ofensores e de Deus. Em todas se realça a justiça de Deus e a “justiça” do profeta. O profeta aparece com um “injustiçado” alguém que não merece ser tratado desta forma pelos seus conterrâneos. Afinal, o profeta quer o bem dos seus compatriotas, obedecendo à Palavra de Deus. O profeta está querendo dizer, se Deus é justo, então ele, como mensageiro de Deus não poderia sofrer. Em última, análise não somente o povo é injusto, mas Deus é injusto, por permitir que o profeta passe por essa situação. Talvez, a crise de Jeremias seja jus-

tamente isso, ver a justiça de Deus, sem aplicação real em sua vida como profeta. Ele se sente desvalorizado, pelo seu povo e também por Deus. Suportar as perseguições, as afrontas do povo é uma coisa, mas conviver com a idéia de que Deus o conduziu para tudo isso, é outra bem diferente. O profeta deveria entender que não era somente o povo que precisa aprender, mas o próprio profeta deveria aprender a valorizar a Palavra de Javé diante da sua satisfação pessoal.<sup>55</sup>

Quão imenso pôde tornar-se, com tudo isso, o ônus que pesava na alma do profeta, patenteia-se com clareza especial em Jeremias, no qual, aliás, sobressai, em geral, o elemento pessoal com maior vigor do que nos outros profetas: Em suas "Confissões" descreve suas querelas com Deus por causa do peso de seu ministério que quase o esmaga (Jr 11.18 – 12.6; 15.10 – 21.17, 14 – 18; 18,18 – 23; 20. 7 – 8) [...].<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> SICRE, 1992, p. 123.

<sup>56</sup> RENDTORF, 1885, p. 31

### 3 CONTRIBUIÇÕES: UMA LEITURA PASTORAL DE JEREMIAS

Os pastores e os profetas, como personagens de liderança, relacionam-se em alguns momentos da história israelita. Com alguma frequência os profetas acusavam os pastores de não fazerem o seu trabalho direito, ou seja cuidar do rebanho de Deus (Is 56.11; Jr 50.6; Ez 34.2; e Zc 10.2). No Antigo Testamento, a atividade de pastores do povo é ampliada para os líderes do povo. Os povos da Mesopotâmia designavam seus reis e chefes de pastor.<sup>57</sup> Os pastores do Antigo Testamento têm uma importância crucial para manutenção da ordem social e o exercício de uma fé comprometida com Javé. “Ser pastor em Israel implicava em ater-se fielmente ao chamamento à Missão do Povo”.<sup>58</sup>

No Novo Testamento, vemos a função pastoral compondo com tantas outras a harmonia do Corpo de Cristo. A figura neotestamentária do pastor está vinculada principalmente a sua imagem de cuidado que advém da forma como o pastor de ovelhas era visto na comunidade israelita. O ícone do pastor de ovelhas era marcante: Javé era e sempre será o Pastor de Israel (Mq 7.14). A vinculação do Pastor como o que conduz a pastos verdejantes (Sl 23) encontra o seu paradigma no Cristo do evangelho (Jo 10). A função pastoral no Novo Testamento até os dias de hoje será reproduzir a imagem do Cristo, como afirma Hansen: “O pastor é uma parábola de Jesus Cristo”.<sup>59</sup>

O profeta do Antigo Testamento tem a sua atividade vinculada ao povo de Israel, como nação, mas podendo anunciar a Palavra de Deus para outros povos. Ele é o pregador da justiça de Deus baseado na Lei. O profeta é levantado para

---

<sup>57</sup> ROSA, Ronaldo Sathler. **Cuidado pastoral em tempos de insegurança**: uma hermenêutica teológica pastoral. São Paulo: Aste. 2004. p.27

<sup>58</sup> ROSA, 2004, p.28.

<sup>59</sup> HANSEN, David. **A arte de pastorear**. São Paulo: Shedd Publicação,. 2001. p. 25

defender a adoração unicamente a Javé e acusar a prostituição cultual com outros deuses. Anuncia o juízo de Deus sobre o povo e sobre as nações pecadoras, clamando-as para o arrependimento. Por vezes, faz o papel de promotor acusando o povo de ter transgredido a Lei, principalmente na sua relação com o próximo. O profeta tem sua atividade marcada pela manifestação da Palavra de Deus que vem, por meio de audições, visões, etc. O profeta é reativo à ação de Deus, que o impele para falar ao seu povo. O seu falar é caracterizado pela exposição e aplicação da Lei ou por meio de predições sobre o futuro.

O profeta no Novo Testamento tem a sua atividade vinculada à comunidade de fé, ou seja, à igreja. Há uma linha de continuidade que liga os profetas do Antigo Testamento com os profetas do Novo Testamento, como disse Jesus: “Porque todos os profetas e a Lei profetizaram até João” (Mt 11.13). O profeta neotestamentário conserva as características da pregação veterotestamentária, com ênfase no ensino. “O papel principal era levar a palavra de Deus com o intuito de ensinar, repreender, corrigir e educar na justiça (2 Tm 3.16)”.<sup>60</sup> O profeta no Novo Testamento recebe a profecia como um dom, dado para um fim proveitoso no seio da comunidade (1 Co 12.7). O derramamento do Espírito no Pentecostes predito por Joel empoderou muitos filhos e filhas para o exercício da profecia na igreja (Jl 2.28). O profeta prega para o novo Israel de Deus, não como um Estado, mas como um povo separado, unido por laços de fé em torno de Jesus Cristo, o messias prometido.

A atuação do profeta e do pastor na comunidade primitiva era vivida de forma singela e livre. O profeta é uma figura ativa na história da igreja primitiva (At 11.28, 21.10) compartilha com os pastores e os mestres uma função de liderança no corpo de Cristo (1 Co 12.28; Ef 4.11; e 2 Pd 3.2). O profeta neotestamentário não fica tão em evidência na comunidade como era no meio do povo de Israel, mas compartilha do seu dom dado por Deus de forma harmoniosa no corpo de Cristo. Os pastores estão encarregados de aconselhar e exortar a comunidade a viver conforme as recomendações apostólicas e a fé no Cristo ressuscitado (Ef 4.12 e 13). A tarefa primordial é a pregação das boas novas de salvação (2 Tm 4.2). Os pastores exercem a liderança comunitária, buscando guiar a comunidade na vida de amor,

---

<sup>60</sup> YOUNGBLOOD, F. Ronald. (Ed.) **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004. p.1165

lembrando-os sempre do exercício dos dons espirituais e ministeriais para a manutenção saudável do corpo de Cristo. Não há descontinuidade na “ação pastoral”, pois as duas figuras (pastor e profeta) testemunham a atuação de Deus por meio da proclamação da Palavra de Deus.

### 3.1 As disciplinas espirituais

As chamadas disciplinas espirituais eram praticadas na Idade Média principalmente por um grupo chamado de anacoretas, que se retiravam da cidade para o deserto, no anseio de encontrar Deus longe da corrupção de uma igreja promíscua.<sup>61</sup> Este grupo se submetia à ascese, uma disciplina de renúncia em prol de um discipulado mais fiel, relacionado com a imitação de Cristo como norma para a vida.<sup>62</sup> Apesar da religião judaica não ser uma religião ascética, muitos exemplos bíblicos praticaram a ascese, não como forma de ganhar mérito diante de Deus, mas como forma de aproximar-se dEle mais livremente. Como comenta Willard:

Todavia, quando observamos os exemplos de Abraão, Moisés, Davi, Daniel, João Batista, Jesus e Paulo (na religião judaica), constatamos que foram pessoas que jejuaram, oraram, buscaram a solitude e se entregaram à humanidade e a Deus de maneiras reconhecidas como ascéticas.<sup>63</sup>

Essas ações são observadas na vida do profeta Jeremias (Jr 7.6, 11.14, 15.17, 16.2), partilhadas pela comunidade cristã primitiva, vivenciada pelo monasticismo do deserto. Precisam ser novamente praticadas pela liderança moderna.

O mundo mudou com a sua capacidade de produzir informações, bens e serviços numa velocidade a cada dia maior, mas o homem continua o mesmo: carente, pecador, necessitado da presença de Deus. E somente por meio de pessoas dispostas a viver o cristianismo bíblico em sua inteireza poderemos anunciar a Palavra de Deus com um caráter profético, advindo da comunhão intensa com Deus. A figura profética reafirma esta necessidade da prática das disciplinas espirituais, como a oração, a contemplação, a confissão, a frugalidade, a castidade e o serviço.<sup>64</sup>

<sup>61</sup> ROSA, Eduardo. Idéias são como sementes – Anacorese. **Cristianismo Hoje**, São Paulo, ano 4, edição 22, p. 56, abr./maio 2011.

<sup>62</sup> GONZÁLEZ, Justo. **Breve Dicionário de Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009. p.49

<sup>63</sup> WILLARD, Dallas. **O Espírito das Disciplinas**: entendendo como Deus transforma vidas. Rio de Janeiro: Habacuc, 2003. p.157

<sup>64</sup> WILLARD, 2003, p. 181.

Os profetas viviam sob um forte poder do chamado divino, e muitas vezes esse chamado requeria algumas abstenções por parte dos profetas. Alguns tiveram que viver em celibato (Jr 16.2), outros deixaram as suas profissões (Am 7.14), ainda outros viviam com roupas rústicas, abdicando do convívio social (Mt 3.4). A forte convicção do chamado permitia aos profetas viverem por meio da abnegação, obedecendo à voz de Deus. Essa capacidade de resignar-se e ser resiliente frente às vicissitudes que a própria vida como profeta lhe impingia, faz do profeta um homem imprescindível em qualquer geração, ou seja, alguém desprendido, livre, com um caráter sólido, pronto a suportar os sofrimentos. A liderança moderna é altamente hedonista e narcísica, indisposta ao sofrimento para cumprir a vontade de Deus.

Jeremias vivencia com a “impossibilidade” do casamento um dos vários momentos de sofrimento. Skinner afirma que Jeremias renunciou, muito cedo, à esperança de casamento, porque se sentiu como instrumento de agonia de uma nação.<sup>65</sup> Ainda que haja afirmações em contrário à posição de Skinner<sup>66</sup>, Jeremias quer ser coerente com a sua mensagem, reconhece que sua mensagem é de profunda desolação e que ele será também envolvido no infortúnio do seu povo. Como participe da ação de Deus no povo, ele julga não ter o direito de desfrutar como qualquer outro ser humano da oportunidade de viver uma vida comum. Esta idéia parece corroborar com as opiniões de Longam III e Dillard que dizem: “[...] o chamado de Jeremias para o celibato é sinal da decisão irrevogável de Javé de punir o seu povo.”<sup>67</sup> “Se Jeremias deve ficar sem se casar como sinal para Israel, é porque está exprimindo com isso a desarmonia entre Javé e Israel, a qual é uma ameaça para a vida (Jr 16.1ss.;15.17).<sup>68</sup> A palavra de Javé requeria sacrifícios duros por parte do profeta, como a renúncia ao casamento. É possível inserir a ordem de Deus como uma parte de uma ação metafórica<sup>69</sup> de um significado mais abrangente para o povo de Israel. Talvez a contribuição para os pastores seja o desafio de se manterem casados, com filhos, enquanto anunciam a Palavra de Deus, como gesto simbólico para aqueles que adulteram no seu relacionamento com Deus na atualidade.

---

<sup>65</sup> SKINNER, 1966, p. 32

<sup>66</sup> ELLIS, 1985, p. 277, pensa de modo divergente, afirmando que Jeremias foi celibatário por ordem divina e não por uma renúncia pessoal do profeta.

<sup>67</sup> LONGAM III; DILLARD, 2006, p. 227.

<sup>68</sup> WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 268

<sup>69</sup> SCHMIDT, 1994, p.175

O profeta Jeremias, antes de receber a Palavra de Deus, compreendia-se incapaz. O contato com Javé adentra na vida dele e suas palavras, que antes eram inarticuladas, passam a tomar um significado para si mesmo e para o povo (Jr 1). A transcendência entra em sua vida, o separa e o envia. Jeremias não perde a sua singularidade, mas esta singularidade é envolta em mistério. O profeta quase sempre aparece inebriado, obrigado, relutante, incapacitado para cumprir o chamado. Javé aparece como o Deus do seu povo, que usa o profeta como instrumento de intervenção, para corrigir, para punir, para anunciar a salvação. Pode-se afirmar que a ação de Deus na vida deles levou a efeito a sua missão.

O contato constante com os oráculos divinos advindos da imersão na oração é outra disciplina espiritual a ser resgatada na atualidade. A proficuidade profética está intimamente relacionada com a obediência aos oráculos e visões de Deus. O profeta é, sobretudo, um homem imerso na atmosfera do sobrenatural. É alguém que apesar de não compreender tudo o que é pedido por Deus, se compromete profundamente com a ordem de Deus. Esta atmosfera de exclusividade vivida pelo profeta cria um distanciamento do povo, que vê o profeta como um alienado, mas traz proficiência. Os líderes pastorais precisam desse caráter exclusivo. Esta exclusividade deve ser vivida na intimidade e na simplicidade do serviço a Deus. Muitos líderes atuais procuram imitar os seus pares, copiando métodos pastorais, formas de pregação e não vivem a exclusividade proporcionada pelo relacionamento profeta-Deus. No caso de Jeremias a presença de Deus é demonstrada em toda a sua vida, ele vive em comunhão com Deus nos momentos de alegria e também de desventura, ele recorre a Deus para sanar as suas inquietações:

Ele é um profeta que vive em comunhão com Deus, dentro de um processo contínuo, prolongado e até sofrido. A consciência de estar sempre na presença de Deus é muito mais forte do que a experiência de um só momento.<sup>70</sup>

O profeta Jeremias se revela humano e simples. Não esboça nenhum estereótipo de líder importante, muito pelo contrário, revela toda a sua frugalidade. Esta sobriedade da vida de Jeremias faz com que ele se concentre somente na sua tarefa missionária. As agendas lotadas dos ministros nas nossas igrejas aliadas às múltiplas funções, como psicólogos, empresários, deputados, inviabilizam a realização da

---

<sup>70</sup> ALMEIDA, 1997, p.36

tarefa pastoral. O ser frugal se torna importante, pois a dedicação no mais importante nos fará eficientes na realização. A perda da identidade advém também dos muitos envolvimento em ocupações que dominam boa parte do nosso tempo. Jeremias foi separado para a tarefa profética e não sairá dela, nem quando estiver preso.

### 3.2 A liderança criativa

Os profetas são modelos de liderança criativa para a pastoral na atualidade. A criatividade na formulação dos vaticínios, a liberdade do viver pastoral, a predisposição para sofrimento resultado da proclamação da Palavra de Deus, além do envolvimento pastoral com o povo, revelam o profeta com um arquétipo para o viver pastoral no contemporâneo. A ação pastoral na modernidade carece da criatividade profética que mostra uma ligação muito íntima com Deus e uma participação na vida comunitária do povo.

A liderança criativa dos profetas se realiza em franca oposição à liderança vinculada à corte. A liderança exercida pelos profetas da corte possuía um padrão de conduta. Os profetas criativos não se encaixam nestes parâmetros, pois a sua forma de agir vem por meio da palavra profética. A palavra cria molda a sua liderança, fazendo uma grande diferença em relação aos modelos organizados, estabelecidos de acordo com a estrutura política do governo. Zengler enumera algumas diferenças entre os profetas individuais e os profetas ligados ao palácio. As diferenças evidenciam a criatividade dos profetas individuais e a posição conformista dos profetas da corte.

1 – Nenhuma estabilização da certeza da salvação, e sim discurso crítico e provocante (Mq 2, 11).

2 – Nenhum vestígio de autoconfiança e arrogância na apresentação (cf. Jr 27s).

3 – Verdadeiros profetas não “vivem” do seu profetismo e por isso são independentes e livres (cf. Mq 3,5, Am 7,10-17).

4 – Consistência entre mensagem e modo de vida do profeta (cf. Jr 23,14)

5 – O profeta não procurou sua atividade profética, mas é “voz vocacionada” – muitas vezes contra a sua própria vontade [...].<sup>71</sup>

Jeremias é um personagem criativo. A sua criatividade tem como fonte principal o contato com a Divindade. O criar profético por muitas vezes se manifestava

<sup>71</sup> ZENGER, Erich. **Profetismo**: coletânea de estudos. São Leopoldo: Sinodal. 1986, p. 377



na forma inusitada, como, por exemplo, quando se apresenta com um jugo sobre os ombros simbolizando o jugo babilônico sobre Judá (Jr 27.1-2), ou quando compra um campo e faz o negócio diante de testemunhas, demonstrando a possibilidade de reinício da vida na Palestina, mesmo com a deportação dos nobres (Jr 32.8-15), ou quando deixa o cinto que o envolvia apodrecer, simbolizando a situação em que ficaria o povo por não ouvir a voz de Deus (Jr 13.1-10). Estas formas criativas são denominadas “gestos ou atos simbólicos”. Os profetas ditos como da corte apresentavam discursos estereotipados e o conteúdo não exigia a conversão dos seus ouvintes (Jr 28.11). Sicre reconhece essa criatividade nos profetas:

Os textos proféticos da Bíblia apresentam muitos casos concretos nos quais aparece este caráter original do profeta. Isaías diante de Acáz (Is 7, 1-17), ou Jeremias com sua canga no pescoço, na corte de Sedecias (Jr 27) são simplesmente uma amostragem.<sup>72</sup>

A criação da mensagem não parte do profeta de forma independente, ela toma forma a partir do relacionamento do profeta com Deus. O profeta não é apenas uma caneta ou um microfone para transmitir as Palavras de Javé, mas se envolve pessoalmente, apesar do seu trabalho não exigir criação autêntica, pois ele deve repetir o que já ouviu a partir da Lei. Ele é confrontado com a Lei e tem diante de si o pecado do seu povo, recebe as palavras de Deus no seu coração, para assim expressar-se diante do povo.

O profeta usa também a sua criatividade, pois Deus lhe outorga as formas de transmissão, pelo seu contato com o dia-a-dia do povo. Ele recebe em sua mente como deve transmitir para atingir o objetivo de Deus, para ser o mais pedagógico possível, a fim de tirar o povo do seu entorpecimento. Ações simbólicas buscam desarraigá-lo da mente imagens construídas pelas instituições governantes de que não haverá juízo. O profeta se arrisca ao se expressar dessa forma, pois o pronunciamento somente por intermédio de palavras poderia causar um entendimento dubio, permitindo ao profeta eximir-se de alguma responsabilidade. Jeremias, em especial, faz uso dos gestos simbólicos com muita frequência, colocando-se em grande risco, pois as ações são de entendimento fácil, impossibilitando qualquer tentativa de esconder-se por trás das palavras. Baggio entende que esta forma de se expres-

---

<sup>72</sup> SICRE, 2007, p. 9

sar vai além do didático, pois pretende a conversão, levando os ouvintes a uma atitude:

Assim descobrimos o procedimento mediante o qual Deus comunica a sua vontade ao povo. O profeta é estimulado a criar uma situação, possivelmente não ordinária, mas de tal tipo que seja capaz de suscitar alguma reação nos presentes.<sup>73</sup>

O profeta, no seu envolvimento criativo, era tomado por Deus para cumprimento de Sua vontade. Esse é outro lado da criatividade, o ato de Deus criar situações inusitadas e desagradáveis. A palavra profética em seus lábios alterava construções sociais e políticas para a nação israelita. Dessa forma, a Palavra na boca do profeta era desejável, principalmente se viesse revestida de esperança para a nação. Mas o profeta como homem de Deus/homem de homem não tinha domínio sobre a palavra que viria a sua boca. A partir desse momento o profeta é lançado num ambiente propriamente novo, criativo. É tentado a agradar o povo, criando uma Palavra puramente humana ou se mantendo receptivo ao Criador da palavra, ainda que tenha que ser amaldiçoado ou se ver no ostracismo ministerial pela Palavra de Deus.

O profeta esperava em Deus para saber o que deveria fazer. Ao mesmo tempo em que poderia forjar a Palavra e ter a mensagem disponível em todo o momento, mostraria sua total falta de comprometimento e dependência de Javé. Sem dúvida, os pastores passam esses conflitos no ato de declarar a Palavra de Deus ao povo. No nosso tempo, antes de ouvirmos o pastor como um profeta, buscamos um terapeuta que está pronto a falar o que queremos.

### 3.3 A ética bíblica

O movimento profético e em especial os profetas literários que nos legaram seus escritos contribuíram, de maneira decisiva, no desenvolvimento da religião do AT. Foram eles que contribuíram por uma concepção mais elevada de Deus e se preocuparam com o lado ético da religião israelita.<sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> BAGGIO, 1984, p. 78

<sup>74</sup> YUNES; BINGEMER, 2002, p.41

Os profetas declaram a Palavra de Deus com base em leis dadas a Israel. Estas leis possuem em si mesmo um caráter apodíctico<sup>75</sup> e casuístico<sup>76</sup> que mostram a semelhança das leis israelitas com as culturas circundantes. Mas, de forma singular, Israel também apresenta elementos únicos em sua legislação, como a proibição de culto a outros deuses e a imagens, além da observância do sábado.<sup>77</sup>

Hamurabi reivindica a responsabilidade pelas leis que promulgou, mas as determinações do Pentateuco são regularmente precedidas de “O Senhor disse a Moisés: assim debes dizer aos filhos de Israel...” ou outra expressão semelhante. Portanto, em Israel, a lei era entendida (pelo menos na época em que a narrativa do Sinai atingiu uma forma parecida com a atual) como uma revelação da vontade de Deus. Isso significaria que as dimensões vertical e horizontal se unem, expressando igualmente a vontade de Deus, e isso, por sua vez, significa que, onde falta a dimensão horizontal (justiça social etc.), a dimensão vertical (culto, sacrifício) é impossível. Esse conceito é muito importante e está na base das denúncias proféticas do culto que conhecemos tão bem.<sup>78</sup>

Há de se afirmar que existe uma singularidade na lei israelita principalmente na concepção da justiça social, pois contempla de forma evidente os membros mais fracos da comunidade como os estrangeiros, órfãos e viúvas. Desta forma os profetas defensores da Lei possuem esse diferencial em relação ao movimento profético existente nas circunvizinhanças de Israel. Pois, apesar de vivenciar o êxtase, o profeta bíblico não vive somente para o transe extático. Ele está preocupado com a vida do povo em relação aos mandamentos verticais e os horizontais, pois, como se expressou Jansen, não é possível cultuar a Deus sem cuidar dos pobres, das viúvas, dos órfãos e dos estrangeiros. Neste aspecto, o profeta se sobressai como co-responsável para lembrar o povo da Aliança estabelecida por Deus, incitando-o a obediência e também ameaçando-o em caso de obstinação no erro.

A mensagem profética está vinculada às mudanças de nível estrutural da sociedade israelita. A palavra baseada no código da Aliança<sup>79</sup> pede uma resposta do povo. A religião de Israel não é uma proposta de espiritualidade alienada da rea-

<sup>75</sup> Apodíctico – termo usado para falar de sentenças propositivas onde não cabe argumentação.

<sup>76</sup> Casuístico – termo usado para analisar situação de ocorrência incomum, onde se procede um análise das circunstâncias e se aplica a penalidade prevista na legislação.

<sup>77</sup> JANSEN, Joseph. **Dimensões éticas dos profetas**. São Paulo: Loyola. 2009. p. 44 e 45

<sup>78</sup> JANSEN, 2009, p. 45 e 46

<sup>79</sup> JANSEN, 2009, p. 34, argumenta que não se pode usar o termo Código da Aliança indiscriminadamente como base para a pregação profética em todo Antigo Testamento, mas que no caso de Jeremias há duas justificativas: a primeira – pelas raízes jeremiânicas com o Norte, a segunda pela reforma deuteronomica acontecida em seu ministério.

lidade, mas busca incorporar os preceitos da fé no cotidiano do povo. Portanto, a figura profética surge com um arauto de condenação quando Israel ignora as consequências naturais de sua fé, ou seja, a consideração pelo próximo.

Quando se analisa a ação profética de Jeremias, as suas palavras têm objetivo de acusar a Israel sobre a desobediência aos mandamentos de Deus, a quebra do pacto do decálogo, a indiferença aos princípios morais da justiça para com Deus e com o seu próximo (Jr 32.23).

A igreja da modernidade, com a sua prosperidade, facilmente pode se distanciar do padrão de cuidado dos pobres, para dedicar os seus recursos em projetos megalomaníacos baseados em vaidade pessoal dos líderes e da própria comunidade. Jeremias é um exemplo clássico de um profeta que busca igualdade social e econômica do seu povo (Jr 2.34, Jr 5.28, Jr 20.13 e Jr 22.16). “A manipulação política e cültica de YHWH, realizada pela teologia oficial da realeza e do templo, é duramente questionada pelos profetas.”<sup>80</sup> Os pastores, como anunciadores da Palavra, podem trazer mudanças sociais, desfazendo estruturas de opressão dentro das próprias comunidades que estão baseadas numa cultura hedonista e pragmática.

### **3.4 A teologia pastoral de Jeremias**

Com a teologia pastoral de Jeremias, pretende-se pontuar alguns conceitos importantes para prática a pastoral na atualidade.

O profeta é porta-voz de Deus para anunciar a sua vontade, e não o que o profeta acha adequado. Nenhum pregador na atualidade em sã consciência faria o planejamento de pregação proposto para Jeremias. O tema geral do seu ano litúrgico seria “Violência e Destruição”. Numa igreja cada dia mais acostumada a ouvir somente palavras de vitória e prosperidade, a pregação jeremiânica destoaria completamente.

A forma de transmissão do discurso foge das formas organizadas que temos hoje: textual, temática e expositiva. O profeta recebia a Palavra do próprio Deus. O profeta não é um homem que prepara os seus sermões no gabinete, detendo-se

---

<sup>80</sup> YUNES; BINGEMER, 2002, p.42

numa exegese minuciosa da Escritura, mas faz uma exegese do povo a partir da Palavra que recebe. Estas palavras com base na vivência da comunidade deveriam atrair as pessoas para ouvir a mensagem para a sua realidade concreta, mas, no caso de Jeremias, o resultado de sua exegese aponta o juízo de Deus. Será que esta pregação está fora de moda?

A alternativa para um ministério de pregação de acordo com a teologia pastoral de Jeremias é desenvolvimento de uma atitude receptiva em relação à voz de Deus. Os pastores precisam conjugar com o ministério da pregação as disciplinas espirituais, da oração e da solitude. A pregação que causa transformação vai além da pesquisa e das técnicas de comunicação. “Jeremias, como pastor experimentado, sabia que não é suficiente proclamar o *kerigma* a uma congregação reunida de forma clara e precisa.”<sup>81</sup>

O pastor convive no seu dia-a-dia pastoral com a regularidade da tarefa da pregação. A ausência no recebimento da Palavra do Senhor pode conduzir o pastor à promiscuidade no seu discurso. Ele pode viver um dilema entre anunciar desgraças ou falar futilidades. Pode-se questionar: É melhor ser um pastor sem reconhecimento ou renunciar ao seu chamado? Nestas questões, o pastor pode ser tentado a tomar atalhos que o lançam nos braços de uma pregação “baalizada”, ou seja, uma pregação revestida de utilidade, mas sem voz de Deus. O pastor se lança na busca de palavras forjadas, como eram os oráculos de outros deuses; o pastor talvez fosse louvado, pelos homens, mas não por Deus. “Jeremias empregou ‘Assim diz o Senhor’ ou frases semelhantes, cerca de cento e cinqüenta e sete vezes, das trezentas e quarenta e nove ocasiões nas quais tais frases se empregam no AT.”<sup>82</sup> Essa estatística confirma a necessidade de esperarmos para receber a Palavra Criadora de Deus para transformação do nosso povo, como fez Jeremias (Jr 28).

A pregação jeremiânica, além de ter um conteúdo formado no contato com Deus, mostra-se na vida diária do profeta como uma pregação dramatizada. O profeta encarna a mensagem na ordem para o celibato, no impedimento de ir às celebrações festivas e a não participação nas reuniões de pêsames com famílias enluta-

---

<sup>81</sup> PETERSON, Eugene H. **Espiritualidade subversiva**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. p.105

<sup>82</sup> KAISER, Walter C. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, .2007. p.236

das (Jr 16). Esta forma de viver a palavra de Deus deve repetir-se na vida pastoral, principalmente com relação ao sofrimento. O pastor é convidado a sofrer como um exemplo para a comunidade de fé e a ter experiências que resultam de um testemunho para a igreja. Os gestos simbólicos surgem como uma forma criativa de comunicar a palavra de Deus, com um apelo veemente para a conversão do povo. O pastor deve sair dos modelos já há muito desgastados e deixar-se conduzir pelo texto bíblico com as nuances, das quais muitas não se enquadram nos famosos três pontos da pregação.

Jeremias faz da sua vida a sua pregação. A sua postura ética é confrontada com os falsos profetas. Enquanto Jeremias declarava as palavras duras de Javé, os falsos profetas declaravam paz e segurança. Enquanto Jeremias ordena submissão aos Babilônicos, os falsos profetas sugerem romper com o jugo. O desejo por estabilidade política vem em primeiro lugar, para os falsos profetas. Jeremias não consegue conviver com tal postura. Ele sofre por ver estas atitudes na classe profética (Jr 23.9). O pastor pode sofrer por ter um ministério guiado por Deus. Quando se tenta viver as palavras de Deus, arrisca-se a desagradar pessoas. No entanto, o importante é a fidelidade a Deus e a sua Palavra.

O profeta Jeremias foi tolhido na sua função de intercessor. No capítulo 14. 7-14 apresenta diante de Deus algumas intercessões que não são acolhidas por Deus. Jeremias desenvolve a sua vocação emitindo os vaticínios divinos, esperando arrependimento do seu povo. A sua pregação é muito intensa na quantidade e no conteúdo. O seu apelo é urgente para uma mudança de vida por parte do seu povo. Jeremias não é atendido na sua pregação, mas quase emudecido. Pode parecer que o tom de Jeremias é sempre acusatório, mas é preciso olhar também para o seu caráter intercessor.

Na sua primeira intercessão, 14.7-12, Jeremias reconhece os pecados do seu povo (v.7), expressa a sua confiança no relacionamento de Deus com o seu povo, Ele é a Esperança de Israel, é o seu Redentor (v.8). Jeremias argumenta sobre a ação de Deus de se apresentar como estrangeiro na terra ou viandante que se desvia para passar a noite. Deus já não está com o povo, o Senhor não tem prazer de andar no meio deles. Jeremias interroga a postura do Senhor: Por que serias surpreendido? Por que serias como valente que não pode salvar? Deus estava se

mostrando fraco diante daquela situação? Afinal, Israel não é o seu povo, que se chama pelo seu nome? Jeremias usa a mesma argumentação de Moisés quando Deus pretende destruir o povo rebelde no deserto (Ex 32.11-14). Jeremias alude ao fato de o Nome de Deus ser relacionado ao infortúnio que virá (v.9). Jeremias insiste para que Deus fique com eles e não os deixe sozinhos. Deus responde que não há conversão, o povo ama o pecado e será punido (v.10). Deus rechaça qualquer tentativa de mudar a situação mesmo com as ações religiosas: a intercessão, o jejum, os holocaustos e as ofertas de manjares.

Na segunda intercessão 14.13-18, Jeremias sabe da resolução divina de trazer destruição e mostra a sua preocupação com as palavras de mentiras proferidas pelos falsos profetas. (v.13 e 14). Deus responde que irá punir estes falsos profetas da mesma forma que o povo será punido (v.15 e 16). Deus pede que o profeta informe aos falsos profetas sobre a necessidade de chorarem copiosamente pois a virgem filha de Israel está golpeada de ferida mortal. A sua chaga é incurável. O choro não é um pedido de arrependimento, mas a conformação à situação de destruição. Haverá destruição no campo, na cidade, os profetas e os sacerdotes ficarão aturdidos, tamanha será a desolação. (v. 17 e 18).

Na terceira intercessão 14.19-22, Jeremias usa o melhor de seus argumentos. Jeremias pergunta se Deus havia rejeitado a Judá de todo, talvez numa possível alusão à aliança estabelecida com a Casa de Davi e os seus descendentes. Da mesma forma fala de Sião, o lugar da habitação do Senhor. Jeremias usa a mesma tônica daqueles que se fiavam na manutenção da ordem das coisas, ou seja, descendência escolhida e o lugar santo. Jeremias contende com o Senhor a respeito do tempo de cura. A espera deles foi frustrada, pois ainda não havia chegado o tempo de restauração, mas do tempo de juízo de Deus (v.19). Jeremias novamente confessa os pecados do povo e reconhece as suas iniquidades (v.20). Implora para que o Senhor considere a sua glória, pois com o opróbrio do seu povo ela estará em jogo. (v.21). Há um clamor para que Deus dê chuvas, pois os ídolos não podem fazer tais coisas. Somente o Senhor tem o domínio sobre os céus, e a confiança do seu povo está no seu Deus (v.22). A resposta de Deus no início do capítulo 15 é dura. Ainda que os maiores intercessores de Israel se colocasse na posição do profeta não alcançariam êxito. (15.1).

As aplicações são as mais diversas para a vida pastoral, a partir do caráter intercessor de Jeremias, vejamos algumas:

1 - A empatia com o povo, Jeremias se considera parte do povo, vê o seu sofrimento, confessa os seus pecados e apela para a misericórdia de Deus. O pastor não pode viver a sua vida afastada do seu povo. Deve ser sensível para ver os desvios do seu povo e pedir perdão a Deus.

2 - A constância da intercessão diante da recusa de Javé. Jeremias apela com insistência e com profunda dor no íntimo por ver o infortúnio que se abaterá sobre o povo. A recusa de Javé faz o profeta apelar para as promessas de Deus, como a aliança davídica (2 Cr 6.16), o lugar de culto (1 Rs 9.3), etc., ainda que o profeta saiba que os seus compatriotas estão sendo punidos por deturparem o valor da Aliança. O pastor deve desenvolver esta constância na sua intercessão, mesmo diante da recusa divina, pois esta é a atitude esperada dos seus escolhidos.

3 - Jeremias coloca como alvo da sua intercessão a glória de Deus, parece estar preocupado. Como o Nome do Senhor será visto depois da execução dos seus julgamentos sobre o povo? O objetivo maior do profeta é a glória de Deus, assim como foi com Abraão, Moisés, Jó, Davi. Todos vislumbram a glória de Deus. A intercessão precisa se ater a este alvo. Não deve estar focado em objetivos vaidosos e humanos, mas no louvor a Deus.

A teologia pastoral de Jeremias é robusta e fornece muitos subsídios para a prática pastoral.



## CONCLUSÃO

A vida do profeta Jeremias, na sua vocação e na crise tratada nos capítulos anteriores, evidencia valores importantes para atuação pastoral na atualidade. Primeiramente, Jeremias é um profeta humano, com todas as características da humanidade, com suas dúvidas, temores, lamentos, etc. Em segundo lugar, o profeta se apresenta como alguém embevecido da presença de Deus. Anunciar a Palavra de Deus era sedutor para ele, apesar de desafiador. Em terceiro lugar, Jeremias vive em constante tensão com Deus, expondo os seus questionamentos e recebendo a Palavra. Esse movimento era constante e formava o seu ministério. Em quarto lugar, Jeremias era um profeta envolvido com as questões do povo, necessidades físicas, emocionais, está pronto a denunciar desvios no cumprimento da Lei, perante as instituições responsáveis. Por fim, Jeremias conhecia o seu coração e o seu interior, sabia os seus limites, o que ocasiona uma ação de constante reafirmação do seu ministério diante de Deus.

A pesquisa procurou revelar o profeta Jeremias com toda a humanidade expressa principalmente em suas confissões, pois ali transparece toda a sua vida como em nenhum outro lugar. As confissões são como um diário pessoal do profeta. Nestes textos não há indícios de uma formatação literária ou teológica para agradar destinatários. O contato com a humanidade do profeta causa uma certa repulsa em alguns momentos, pois, ao se colocar no lugar de Deus, recebendo todas aquelas palavras, espera-se uma correção a declarações tão carregadas de amargura.

A forma como Jeremias desde o seu chamado foi envolto num ambiente “sobrenatural” permitiu o exercício do seu ministério até o final. O contato com a divindade permeia todo seu agir profético. As palavras que são colocadas em sua boca e que são digeridas tem um sabor agradável (Jr 15.16), ainda que possua o elemento amargo das conseqüências duras sobre a vida do profeta. Toda a cons-

tância da Palavra de Deus que vinha a ele (Jr 1.4, 2.1, 16. 1, 18.5, 24.4, 32.6, 32.8 ) reafirmava o seu ministério e dava a sua atuação um caráter sobrenatural. Jeremias não teria conseguido ir até o final de sua jornada profética sem esta atmosfera do poder de Deus sobre ele.

Talvez a tônica do ministério profético de Jeremias seja a tensão. Este movimento elástico de ir até o limite e voltar para um estado de estabilidade. O que se tem chamado, na psicologia voltada para área de recursos humanos, de resiliência. Jeremias, com todas as suas idas e vindas diante de Deus, seria chamado o mestre da resiliência, pela sua capacidade de ser levado de um extremo a outro. O que fazia Jeremias resistente diante das agruras ministeriais era justamente a capacidade de se expor para Deus de forma muito livre e sincera. Jeremias se desnuda para Deus e consegue sair do seu confessionário para enfrentar os novos desafios reservados pela Palavra de Deus.

O seu comprometimento com ideais da nação e do povo foram marcantes também na sua profecia. Jeremias não se mostra alienado das necessidades do seu povo, mas denuncia desvios éticos (Jr 2.34, Jr 7.6, Jr 22.3). Suas palavras tiveram maior conseqüência por justamente atacar as questões centrais de corrupção na política e na religião. O seu conhecimento do papel sacerdotal, por conviver com as práticas litúrgicas da sua família, deu a Jeremias uma visão clara dos desvios da liderança de Israel. Jeremias se reafirma como profeta pela capacidade de se interpor entre o fraco e o forte, entre o pobre e o rico, como defensor dos interesses do povo e de Deus.

A sensibilidade das palavras de Jeremias é notória na maioria das suas confissões. A forma como desvela o seu interior é uma comprovação clara do seu autoconhecimento. Jeremias conhecia os seus limites até onde poderia resistir às pressões. Não ignora o fato de que as ações de Deus “impostas” a ele requerem uma resposta de força e perseverança. Por vezes, Jeremias se vê desistente. Este autoconhecimento, que se mostrava também limitador, conduziu Jeremias à busca de resposta da parte de Deus, semelhante a Jó que expunha o seus argumentos e desejava estar diante do tribunal de Deus para expor a sua queixa (Jó 23.3). Jeremias fazia o mesmo, como um aluno que insiste em compreender a questão perguntando

o professor até compreender a solução do problema. Essa demonstração de dependência permitiu novos estímulos para caminhar mais um pouco.

A pesquisa focada na vocação e na crise do profeta Jeremias resultou a apreensão desses elementos importantes para ação pastoral. Mais do que a vocação, a crise de Jeremias se revelou de forma decisiva para uma releitura do agir pastoral da atualidade. As suas confissões nos dão um panorama dos sentimentos envolvidos no seu lidar diário com o desafio do anúncio da Palavra de Deus e suas consequências. A humanidade realçada a partir destes textos apresenta um profeta como qualquer outro líder. Por isso, o ideário pastoral pode receber novos estímulos e uma renovação.

A vida de Jeremias e a análise da vocação/crise se comprovaram como parâmetro para uma ação pastoral, primeiramente por todas as dificuldades enfrentadas pelo profeta, na permanência em anunciar a Palavra de Deus. A importância para o profeta e para os pastores é cumprir a vontade de Deus, independente dos resultados. Independente da relutância em obedecer, o importante é manter a fidelidade à vocação. Como o plano de Deus foi concluído com êxito, pode se considerar a missão profética bem sucedida. E assim haverá sucesso ministerial quando a Palavra de Deus for proferida com fidelidade e quando o pastor não desistir do seu chamado, independente dos resultados.

Os quatro temas abordados no último capítulo são as contribuições da leitura pastoral de Jeremias feita a partir de uma nova ótica. As disciplinas espirituais demonstradas na vida do profeta não se enquadram como momentos esparsos, mas são vividas no seu agir profético. A liderança de Jeremias é apresentada com criatividade, fora dos padrões convencionais, pois ela acontece por via da Palavra criadora. A ética bíblica está baseada na Lei e se propõe a mudar a estrutura opressora na política e na religião, revelando uma espiritualidade integral. E a teologia pastoral desenvolvida no seu cuidado com seu povo, torna-se referência para o modelo pastoral na atualidade. Por todos estes argumentos, a vocação e a crise em Jeremias precisam ser adotados como fundamentos para o desempenho pastoral qualitativo nos nossos dias.

A liderança de nossos dias deve considerar a vocação e a crise como parceiras para o cumprimento da vontade de Deus. A desconsideração destes elemen-

tos, como formadores da nossa identidade, pode acarretar a descaracterização da liderança. A vocação, com os seus elementos de transcendência, da Palavra, do encontro com Deus; e a crise, com suas desventuras, incertezas, ameaças, com a própria dúvida do profeta, tudo isso, forma a vida do profeta. Todos os momentos formam a vida e a atividade profética e estão sob o controle de Deus.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Joãozinho Thomaz. **Jeremias**: homem de carne e osso. São Paulo: Paulinas, 1997.

ASURMENDI, Jesus. **O profetismo**: das origens à época moderna. São Paulo: Paulinas, 1988.

BAGGIO, Giovanni. **Jeremias**: o testemunho de um mártir. São Paulo: Paulinas, 1984.

BÍBLIA, Almeida Revista Atualizada. São Paulo: SBB, 1999. Versão eletrônica 2005.

BÍBLIA, de **Estudo de Genebra**. São Paulo: Cultura Cristã; SBB, 1999.

BRIEND, Jacques. **O livro de Jeremias**. São Paulo: Paulinas, 1987.

BRUEGGEMANN, Walter. **A imaginação profética**. São Paulo: Paulinas, 1983.

CERESKO, R. Anthony. **Introdução ao Antigo Testamento**: uma perspectiva libertadora. São Paulo: Paulus, 1996.

CRABTREE, A. R. **Teologia do Velho Testamento**. Rio de Janeiro: JUERP, 1960.

EICHRODT, Walther. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2004.

ELLENS, J. Harold. **Psicoteologia**: questões básicas. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

ELLIS, F. Peter. **Os homens e a mensagem do Antigo Testamento**. São Paulo: Santuário, 1985.

ELWELL, A. Walter (Editor). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. VI III. São Paulo: Vida Nova, 2009.

FOHRER, Georg. **As estruturas fundamentais do Antigo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1982.

GONZÁLEZ, Justo. **Breve Dicionário de Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009.

HANSEN, David. **A arte de pastorear**. São Paulo: Shedd Publicações, 2001

HARRIS, R. Laird (Org.) ; JR. Gleason L. Archer; WALTKE, Bruce. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

IDÍGORAS, J. L. **Vocabulário teológico para a América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1983.

JANSEN, Joseph. **Dimensões éticas dos profetas**. São Paulo: Loyola, 2009.

KAISER, Walter C Júnior. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

KERMODE, Frank; ALTER, Robert (Org.). **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: UNESP, 1987.

LONGMAN III, Tremper; DILLARD, B. Raymond. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

PETERSON, Eugene H. **Espiritualidade subversiva**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

RADMACHER, Earl D.; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, H. Wayne. (Ed.) **O novo comentário bíblico – Antigo Testamento: a palavra de Deus ao alcance de todos**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010

REIMER, Haroldo. **Profetismo**. Disponível em [www.haroldoreimer.pro.br](http://www.haroldoreimer.pro.br). Acesso em 07 fev. 2011.

RENDTORF, Rolf. **A formação do Antigo Testamento**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1969.

\_\_\_\_\_, Rolf. **Profetismo**: coletânea de estudos. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

RODRIGUES, Angel Aparício; CASAS, Joan Canals (Dirig). **Dicionário Teológico da Vida Consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994.

ROSA, Eduardo. Idéias são como sementes – Anacorese. **Cristianismo Hoje**, São Paulo, ano 4, 22. ed., p. 56, 2011.

ROSA, Ronaldo Sathler. **Cuidado pastoral em tempos de insegurança**: uma hermenêutica teológico pastoral. São Paulo: Aste, 2004.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Como ler o livro de Jeremias**: profecia a serviço do povo. 2 ed., São Paulo: Paulus, 2007.

SCHMIDT, H. Werner. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

SCHÖKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. **Profetas I: Isaías , Jeremias**. São Paulo: Paulinas, 1988-1991.

SICRE, José Luis (Org.). **Os profetas**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_, José Luis. **Introdução ao Antigo Testamento**. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_, José Luís. **Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem**. Petrópolis: Vozes, 1992.

SKINNER, John. **Jeremias: profecia e religião**. São Paulo: Aste, 1966.

WILLARD, Dallas. **O Espírito das Disciplinas: entendendo como Deus transforma vidas**. Rio de Janeiro: Habacuc, 2003.

WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade no antigo Israel**. 2. ed. rev. São Paulo: Targumim & Paulus, 2006.

WOLFF, Hans Walter. **A Bíblia Antigo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1978.

\_\_\_\_\_, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2007.

WOLFF, Luis Alonso; STORNILOLO, Ivo. **Salmos e Cânticos – a oração do povo de Deus**. São Paulo: Paulus, 1982.

YOUNGBLOOD, F. Ronald. (Ed.) **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

YUNES, Eliana; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (Org.). **Profetas e profecias: numa visão interdisciplinar e contemporânea**. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-RJ/Loyola, 2002.

ZENGER, Erich. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2003.